



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

VANESSA BENTO DOS SANTOS

A LITERATURA NO PROINFANTIL
HISTÓRIAS EM MUNICÍPIOS DA BAHIA

Salvador
2011

VANESSA BENTO DOS SANTOS

**A LITERATURA NO PROINFANTIL
HISTÓRIAS EM MUNICÍPIOS DA BAHIA**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lícia Maria Freire Beltrão

Salvador
2011

VANESSA BENTO DOS SANTOS

**A LITERATURA NO PROINFANTIL
HISTÓRIAS EM MUNICÍPIOS DA BAHIA**

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação, apresentado ao Colegiado, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Banca Examinadora:

Prof Dr. Cleverson Suzart Silva

Prof^a Rosemary Lapa

Prof^a Dr^a Lícia Maria Freire Beltrão
Orientadora

AGRADECIMENTOS

São muitos a serem feitos...

A Deus, por me dar muitos sonhos e a capacidade de realizá-los.

À minha mãe que, em meio a muitas dificuldades da vida, nunca desistiu de me oferecer o melhor.

A meu pai que, desde criança, me dizia que estudar era o melhor caminho.

A Murilo, por ser tão compreensivo em meus momentos angustiantes, por cuidar de minha mãe, de mim de Rai, por ser também um pai.

A meus irmãos, Felipe, Railine e Guilherme, que, mesmo sem saber, também me impulsionaram a ser exemplo como irmã mais velha.

A meus tios, Lázaro e Jaqueline, que me incentivaram muito aos estudos, pela participação em minha formação e pela leitura que hoje sou.

À minha prima Grazielle que sempre me incentivou e me apontou as possibilidades.

A Everton que, desde o momento em que o conheci, me ajudou com palavras e atitudes no percurso da Universidade.

À Ana Cristina, amiga e futura sogra, que me mimou muito nesse percurso.

Ao amigo Thiago que juntos sonhamos com a tão temida UFBA.

Às amigas, Evânia e Luzinete, por me enxergarem, quando no início muito tímida não me socializava com a turma.

Às grandes amigas, Jeane e Lucélia, que, no momento mais difícil da minha vida pessoal, cuidaram de minhas feridas e me mostraram que sempre é possível recomeçar.

À Gabriela e Isa que me cobriram espiritualmente.

À Faculdade de Educação – professores, funcionários, colegas - que me fez crescer e florescer.

Aos mestres em que me espelhei e aos que não me espelhei, todos refletiram suas imagens em meu espelho. A Romilson, em especial, que foi mestre da última disciplina do curso e que me ensinou que devemos e muito nos IMPLICAR com os nossos sujeitos aprendentes e com a nossa formação..

Ao Professor Cleverson Suzart, pela atenção desde o terceiro semestre, quando fiz parte de sua turma na disciplina Didática e pelas aprendizagens proporcionadas no PROINFANTIL.

À equipe do PROINFANTIL, especialmente à Mônica que me ensinou a sempre Ser comprometida e profissional como Pedagoga; Kari que muito me alfabetizou

tecnologicamente e muito me aconselhou; Carol que, com seu jeito, me mostrou que sempre temos que ter muita vontade; Cida que me ensinou a ser crítica, sempre; Marili que me ensinou que observar é o melhor caminho; Nat que curtir, de vez em quando, não faz mal a ninguém; Déia que devemos pesquisar sempre e a Ian que, muitas vezes, arrancou de mim sorrisos, com o seu jeitinho conquistador.

À minha pró Lícia que sempre soube usar as palavras certas para ensinar, para me orientar.

À Banca Examinadora, pelas leituras e recomendações.

Enfim, a todos os citados e aos não citados, pois todos os exemplos bons ou ruins me fizeram refletir e crescer. Alguns me inspiraram muito, outros me mostraram o caminho a que não gostaria de seguir, e isso é formação também.

RESUMO

Este estudo visa responder se os Professores Cursistas do PROINFANTIL - Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil do Ministério da Educação- MEC, que tem uma equipe de gerenciamento pedagógico no estado da Bahia, localizado na Faculdade de Educação-FACED-UFBA, incluem na sua prática a literatura e , mais especificamente , a contação de história, uma vez que esses referenciais fazem parte de seu processo de formação. Para responder a essa pergunta, realizei pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, tendo a leitura como norteadora de ambas. Da pesquisa bibliográfica, constaram títulos sobre a literatura e contação de histórias como também o Guia Geral do PROINFANTIL, informativo sobre o programa. Para realizar a pesquisa de campo, escolhi dois espaços. Um foi o espaço da Formação Estadual, promovida pela UFBA-FACED, em parceria com o estado e que ocorreu no ano de 2010, nos meses de janeiro, junho e dezembro, e intencionalmente dois municípios onde o PROINFANTIL está presente: Salvador e Vitória da Conquista. Salvador foi escolhido, porque reúne um grande número de professores cursistas e Vitória da Conquista, porque a agência do município foi visitada com mais frequência por mim e, assim, poderia coletar mais informações. Para coletar as informações, observei, em cada município, a um Encontro Quinzenal de cada Agência, e duas práticas pedagógicas em Vitória da Conquista. Os resultados mostraram que a literatura, especialmente, a contação de histórias está presente nas situações estudadas e que a formação dos professores, promovida pela equipe PROINFANTIL UFBA-, FACED, exerce também influencia sobre o constatado.

Palavras- Chave: PROINFANTIL, Literatura, Contação de Histórias.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEB	Secretaria de Educação Básica
SEED	Secretaria de Educação a Distância
CNP	Coordenação Nacional do PROINFANTIL
ATP	Assessores Técnicos Pedagógicos do PROINFANTIL
EEG	Equipe Estadual de Gerenciamento
AGF	Agência Formadora
APEI	Articulador Pedagógico de Educação Infantil
PF	Professor Formador
TR	Tutor
PC	Professor Cursista
LC	Linguagem e Códigos
ML	Matemática e Lógica
VN	Vida e Natureza
LE	Língua Estrangeira
FE	Fundamentos da Educação
OTP	Organização do Trabalho Pedagógico
ISC	Identidade Sociedade e Cultura

SUMÁRIO

1. COMEÇANDO	
ENTRE TANTAS HISTÓRIAS CONTADAS: EIS A MINHA!	09
2. PROGRAMA DE FORMAÇÃO INICIAL PARA PROFESSORES EM EXERCÍCIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PROINFANTIL	
2.1 PROINFANTIL: HISTÓRIA ESCRITA	15
2.2 O PROINFANTIL NA BAHIA.....	20
3. A LITERATURA NO PROINFANTIL: PRESENTE!	24
3.1 A FORMAÇÃO PRESENCIAL, ENCONTRO QUINZENAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA: A LITERATURA SE FAZ PRESENTE?.....	36
4. CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXO.....	55

1. Começando

Entre tantas histórias contadas: Eis a minha!

O homem já nasce praticamente contando histórias. Está inserido numa história que o antecede e com certeza irá sucedê-lo.

A vida se organiza como uma história, tem um fio condutor, uma linha temporal e evolutiva.

As relações dos fatos sempre obedecem ao princípio de causa e efeito. (SISTO, 2001, p. 91)

Ao relembrar dos tempos de infância recordo o quão agradável era ouvir histórias. Recordo-me do Jardim de Infância na escola Três Marias. Minha professora narrou, certa vez, o conto de Branca de Neve e os Sete Anões, usando uma caixa de papelão toda enfeitada com as suas marionetes. Recordo-me dos presentes infantis, quando minha prima Grazielle havia ganhado um disco de vinil pequeno e eu acreditava que o disco, não uma pessoa, narrava a história dos Três Porquinhos. Ah! Que sensação boa sentia, ao escutar aquela narração, com todos os seus efeitos sonoros. Lembro que ouvia numa frequência tal que a minha prima terminou me dando o vinil.

Também não me esqueço de quando comecei a ler, precocemente, aos quatro anos. O livro que ganhei de presente da minha mãe foi uma Bíblia ilustrada para crianças. Recordo que, ao ler sobre a criação do mundo, imaginava o paraíso e pensava como deveria ser tudo lindo, como deveria ser bom viver perto de um leão (animal que muito me fascina), ou do terror e aflição que sentia ao ler a história de Moisés com as dez pragas do Egito. A praga dos furúnculos era terrível! Assim, também, foi com a história de Ló, suas filhas e sua mulher, que conta sobre o Senhor, suas ordens para que fossem embora e não olhassem para trás na destruição de Sodoma e Gamorra, mas, por que desobedeceram a Deus, viraram estátua de sal. Essa me marcou tanto que, quando andava na rua, não olhava para trás.

Minha mãe sempre preocupada com minha formação, me levou bem cedo à biblioteca, à Biblioteca SESC Nazaré. Lembro-me que, antes de para ali me levar, ela começou a contar como era a biblioteca, e ainda me disse que, na biblioteca, havia uma parte somente dedicada às crianças, portanto, os livros eram todos para crianças. Finalmente, falou o melhor de tudo: que poderia fazer uma carteira e de posse dela pegaria livros emprestados, ficaria com eles uma semana e depois os devolveríamos e pegaríamos mais. Nem preciso dizer como aquela novidade me deixava feliz e ansiosa e como as visitas eram constantes.

À primeira visita, foi só deslumbramento. Passei a manhã toda na companhia de minha mãe e dos livros, evidentemente! Naquela manhã, eu peguei livros: e o escolhido a ser saboreado em casa foi *A turma do Pererê*, de Ziraldo, uma revista em quadrinhos, com “aparência” de livro. Muito me diverti, pois além de ler podia assistir ao programa que até hoje é apresentado na TVE.

Numa dessas idas à biblioteca do SESC –Nazaré, com minha mãe, me deparei com o livro *Meu pé de laranja lima*, escrito por José Mauro de Vasconcelos. Bom, minha história com esse livro é intrigante, porque a história já tinha inspirado uma telenovela que, na época, estava sendo reprisada pela rede Band de televisão, e acho que, por isso, eu não queria ler o livro, mas queria ter ele na mão, vendo e exibindo a capa.

Até hoje ele me intriga, mas acredito na minha teoria de que o envolvimento do leitor com o livro tem as suas várias facetas. Acho que descobrir cada capítulo narrado como telenovela era mais interessante. Hoje, não confundo: literatura é literatura; telenovela, teledramaturgia é outra arte.

Além desse, muitos foram os momentos que, quando criança, ao ouvir e ler uma história, me envolvia fantasiando o que era narrado ou lido.

Já na adolescência, muitos foram os títulos em que me debruçava por várias horas, fazendo leituras. Os títulos de Machado de Assis eram os meus preferidos. Há um episódio inesquecível. Nas festas juninas de 2003, quando aos 17 anos não viajei, fui para casa de minha avó, pois lá podia ficar só estudando, então os companheiros das tardes foram Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas.

O que ainda me ocorre, enquanto leitora, me traz experiências importantes, mas o que mais me intriga é que as narrações e histórias lidas no passado marcavam mudanças de conduta e atitude e se manifestavam no meu corpo.

Ao iniciar o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, essas experiências com a leitura, com a narração de histórias, com a ida à biblioteca sempre vinham à tona. De uma coisa sabia: amava e amo ler, e isso me tinha impulsionado na escolha do curso. Queria de alguma maneira, declarar, mostrar para meus futuros alunos como é bom viajar com os livros, só não sabia como despertar neles o prazer que sinto.

À medida que o tempo passava, a minha formação ia avançando, e o amor pela leitura aumentava. O caminho a seguir, para colaborar na formação de bons leitores ainda estava distante. E até entendo porque, neste mundo capitalista, estando sujeitos a

tantos caminhos, fica difícil escolher um. Assim, nos mostra Souza e Jobim, ao citar M.Berman, (1995, p. 15), que diz:

Se por um lado o homem moderno se encontra submerso numa grande confusão de valores antagônicos, por outro, ele se encontra, também, no meio de uma desconcertante abundância de idéias.

Até que um dia, ao assistir o seminário sobre Linguística e Alfabetização, promovido e coordenado pela Professora Dra. Iara Rosa Farias, pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem – GELING, ligado ao Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (doravante FACED-UFBA), caminhos me foram apresentados. A abertura do seminário foi feita com a narração da história *Uma palavra só*, de Ângela Lago¹, que ganhou sentidos, ao ser narrada pela professora Lícia Beltrão. Confesso que, naquele breve instante, minha imaginação fluiu, vivi aquela história, naquele cenário que se descortinava. Lá eu estava a observar tudo em completo silêncio e atenta a cada momento vivido pelas personagens da história. Ao fim da narração, eu voltei para o auditório onde acontecia o seminário, porque, durante alguns instantes, estive lá junto ao príncipe que só poderia comunicar-se com uma palavra só. Refletindo sobre o acontecimento, percebi como a contação de história tem o poder de nos seduzir e aumentar nossa fome por leituras. Após ouvirmos uma narração, acredito que só temos uma intenção: viver mais e mais histórias, lidas por nós, ou narradas para nós.

Ali começou a minha vontade de envolvimento, como acadêmica, como quem estava em processo de formação profissional, com a leitura da literatura, com a narração de histórias. Assim, onde havia contadores de história, lá eu estava. Eram oficinas, seminários, cursos, sempre em busca de uma melhor compreensão do tema.

Na continuidade do curso de Pedagogia na FACED, tive uma experiência especial: participei da oficina a Arte de contar histórias, coordenada por Betty Coelho², ao ser monitora do primeiro Encontro de Leitura e Escrita do GELING – ELEGE, 2008. A oficina foi estruturada para acontecer em dois dias e, nesses dias, vivi momentos

1.A história apresenta um rei mandão demais e um príncipe ingênuo que comentava esse defeito. Por isso foi castigado. Banido do reino, somente podia usar uma palavra - exclusivamente. Quando descobriu o amor, aprendeu a ler e a brincar com as palavras, e a palavra exclusivamente foi suficiente para salvá-lo do castigo

² Sobre sua trajetória como contadora de história ler da pesquisadora, professora e escritora Maria Antonia Ramos Coutinho *Histórias correm no corpo: o itinerário de Betty Coelho*. Tese de doutorado UFMG.

maravilhosos, ao ouvir a contadora de histórias dizendo “ Qualquer um pode contar histórias...”

No meu caso, essa narrativa, com que espero ter me revelado capaz de contar histórias, foi assumida não somente como um exercício de memória, mas, principalmente, com a intenção de apresentar o porquê de ter escolhido a literatura, como objeto de estudo da pesquisa de minha monografia de conclusão de curso, considerando um espaço de formação específico de professores, no qual me envolvi como estagiária: Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil- PROINFANTIL, assumido pela UFBA - FACED

Como se pôde constatar, iniciei vínculos com a literatura muito cedo. Nos estudos universitários, reencontrei a literatura, em alguns momentos. Dos momentos, o ELEGE foi muito especial, por ter convivido, ainda que pouco, com a contadora de histórias Betty Coelho que, entre muitas histórias, partilhou a importância de se construir um material de estudos sobre a literatura e a arte de contar histórias. Em suas palavras: “Refiro-me a estudo no sentido sistemático, porque é preciso levar a sério algo que provoca relevante impressão e exerce grande influência sobre as crianças”. (COELHO, 2006, p.9). Em vista disso, considerando a oportunidade de ser estagiária no PROINFANTIL, programa que reúne no estado da Bahia 578 professores em formação e que já educam crianças de 0 a 6 anos, em creches e ou escolas municipais, considerando a importância da literatura, sob a forma de contação de histórias para as crianças e que o programa está comprometido com a presença da literatura na formação dos professores e com a sua propagação entre eles, por concordar que o ato de contar histórias é uma prática que ensina valores, ajuda na aquisição da língua falada, aumenta o vocabulário da criança, estimula a imaginação, além de possibilitar que a criança conheça e exerça os valores culturais da sociedade em que está inserida, tal como nos apresenta o Referencial Curricular (1998, p.124):

O ato de contar histórias é uma prática que ensina valores, ajuda na aquisição da língua falada, aumenta o vocabulário da criança, estimula a imaginação, além de passar para criança os valores culturais da sociedade em que esta inserida. A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

levantei a seguinte questão de pesquisa: Os Professores cursistas do PROINFANTIL incluem na sua prática a literatura e , mais especificamente , a contação de história, uma vez que esses referenciais fazem parte de seu processo de formação?

Para responder a essa pergunta, realizei pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, tendo a leitura como norteadora de ambas. Da pesquisa bibliográfica, constaram títulos sobre a literatura e contação de histórias como também o Guia Geral do PROINFANTIL, informativo sobre o programa. Do que ia lendo, ia destacando ideias importantes, fazendo anotações e resumos e, mais tarde, trazendo para o meu texto em forma descrição, citação ou diálogo.

Para realizar a pesquisa de campo, escolhi dois espaços. Um foi o espaço da Formação Estadual, promovida pela UFBA-FACED, em parceria com o estado e que ocorreu no ano de 2010, nos meses de janeiro, junho e dezembro, e intencionalmente dois municípios onde o PROINFANTIL está presente: Salvador e Vitória da Conquista. Salvador foi escolhido, porque reúne um grande número de professores cursistas e Vitória da Conquista, porque a agência do município foi visitada com mais frequência por mim e, assim, poderia coletar mais informações. Para coletar as informações, observei, em cada município, a um Encontro Quinzenal de cada Agência, e duas práticas pedagógicas em Vitória da Conquista, em professoras cursistas atuam, uma da classe de crianças com 3 a 4 anos e a outra da classe de crianças de 1 e 2 anos. Registrei o que iam fazendo, passo por passo. E por fim fiz cinco entrevistas distribuídas nessas Agências.

A pesquisa realizada me proporcionou escrever os capítulos que seguem e que neles eu apresento: No primeiro, que é este, relato a minha história de leitora, meu envolvimento com a leitura e a literatura e apresento a minha intenção de pesquisa e como a realizei. No segundo, apresento o PROINFANTIL e informo sobre o programa, sobre a sua inserção na Bahia e na UFBA. No terceiro capítulo, relato as experiências de formações, viagens e participação dos momentos formativos do programa, fazendo considerações sobre o que pesquisei. No quarto, apresento a conclusão do estudo realizado e minhas impressões.

Finalizando, para representar a caminhada na Universidade e a minha disposição de escrever sobre o tema em questão, sabendo que estou a todo risco, apresento as palavras do poeta Damário da Cruz que me sensibilizaram desde o elege 2008:

Todo Risco³

³ O poema, tema do Elege 2008, foi extraído do livro (Re)sumos, lançado pelo poeta na sessão de abertura do evento.

A possibilidade de arriscar é que nos faz homens.

Vôo perfeito no espaço que criamos.

Ninguém decide sobre o espaço que evitamos.

Certeza de que não somos pássaros e que voamos.

Tristeza de que não vamos por medo dos caminhos.



2. Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil - PROINFANTIL.

2.1 PROINFANTIL: A história escrita

As considerações que seguem sobre o PROINFANTIL estão baseadas no documento denominado Guia Geral do Programa. Documento gerado pelo Ministério de Educação em edição única, datado de 2005, elaborado com base no Manual do Tutor do Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO⁴), e que contém todas as diretrizes do programa.

Segundo o documento (2005), o Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil- PROINFANTIL - é um Programa do Ministério da Educação- doravante MEC, feito a distância, em nível médio na modalidade “normal” (leia-se curso normal / formação de professores) que, em parceria com os estados e municípios interessados, tem por objetivos habilitar em magistério para a Educação Infantil (EI) os professores em exercício, de acordo com a legislação vigente, elevar o nível de conhecimento e aprimorar a prática pedagógica dos docentes, valorizar o magistério, oferecendo condições de crescimento profissional e pessoal do professor e contribuir para a qualidade social da educação das crianças com idade entre 0 e 6 anos nas instituições de Educação Infantil .

As palavras do MEC, expressas no Guia, dizem que, embora priorize a formação em nível superior para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de nº 9394/96, em seu artigo 62, admite como formação mínima aquela oferecida em nível médio, na modalidade normal, como se pode ler a seguir:

Art. 62º. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

⁴ DOCUMENTO elaborado por Maria Antonieta Cunha; documento de avaliação, de Regina Carvalho e Claudia de Oliveira Fernandes, e documento de formação do tutor de Luiz Basílio Cavallieri.

O Guia Geral diz ainda que o PROINFANTIL habilita para o magistério com proposta de formação em exercício, congrega os conhecimentos básicos, tanto das áreas de estudo do ensino médio quanto da área pedagógica, para o exercício do magistério na Educação Infantil. O Programa vale-se dos benefícios da formação em serviço, que torna possível a reflexão teórica sobre a prática do Professor Cursista, considerando as características, as necessidades, os limites e as facilidades apresentadas pela instituição em que atua.

Dessa forma, a própria instituição de Educação Infantil torna-se o lugar privilegiado de formação do professor, com efeitos sobre a sua prática pedagógica.

A modalidade à distância, segundo o Guia, possibilita que o programa seja realizado no local em que o aluno se encontra, ou seja, em casa ou no trabalho, não exigindo que ele se dirija para onde a escola está situada. Assim, o ensino a distância abre oportunidade para as pessoas estudarem, independentemente do local onde fica a residência, em áreas rurais e/ ou de difícil acesso. Atende, ainda, às pessoas que estariam impossibilitadas de assistir às aulas por razões de trabalho, questões familiares ou por outros empecilhos. O ensino a distância promove, portanto, a igualdade de oportunidades garantindo, inclusive, que o material elaborado chegue a um grande número de alunos.

O Programa feito à distância exige que o mesmo tenha uma estrutura que envolva várias instâncias que o faz funcionar, a começar pelos órgãos competentes que estão ligados ao MEC. A sua estrutura é composta por componente Nacional, Estadual e Municipal.

De acordo com o Guia, o componente nacional é responsável pela elaboração das propostas técnicas e financeira, pela estratégia de implantação do Programa, pela articulação política e institucional, pela implementação, pelo acompanhamento, pelo monitoramento e pela avaliação de todas as ações.

O componente nacional é formado pelas Secretarias: a de Educação Básica (SEB), a de Educação a Distância (SEED) e pela Coordenação Nacional do PROINFANTIL (CNP), que dispõem de membros da SEB, SEED e dos Assessores Técnicos Pedagógicos do PROINFANTIL (ATP⁵).

⁵ ATP- Assessor Técnico Pedagógico são integrantes da Coordenação Nacional do PROINFANTIL que entre suas atribuições vão até as agências formadoras para acompanhar os instrumentos de ensino e avaliação.

Cada secretaria desenvolve uma função no programa. A SEB é responsável pela elaboração das propostas técnicas, pedagógicas e financeira, além de outras. A SEED é a instância do MEC responsável pela implementação do PROINFANTIL, pela manutenção da Coordenação Nacional. Já a Coordenação Nacional do Programa (CNP) executa, monitora as atividades em nível nacional. Em sua equipe, o Assessor Técnico Pedagógico é o profissional que acompanha e orienta as Agências Formadoras (AGF), no desenrolar do programa.

O componente Estadual, mencionado no Guia, é o responsável pela implementação, pelo acompanhamento e pelo monitoramento do Programa no âmbito do Estado. Preenche esse componente a Secretaria Estadual de Educação, por meio da Equipe Estadual de Gerenciamento do PROINFANTIL (EEG), as Agências Formadoras, que são compostas por nove profissionais, sendo um professor para cada área temática da base do Ensino Médio – Linguagem e Código (LC), Vida e Natureza (VN), Matemática e Lógica (ML), Língua Estrangeira (LE) e Identidade, Sociedade e Cultura (ISC), um professor para cada área temática pedagógica - Organização do Trabalho Pedagógico (OTP), Fundamentos da Educação (FE), um articulador Pedagógico de Educação Infantil (APEI) e um Coordenador da Agência Formadora.

Para que uma AGF seja sediada numa escola do estado, faz-se necessário que esteja sendo centro de magistério, pois pode emitir certificados para os Cursistas em ensino médio, com formação em magistério.

Já o componente Municipal, segundo o Guia, é responsável pela implementação do PROINFANTIL, no âmbito do município, fazendo parte desse componente a Secretaria Municipal de Educação (SEC), por meio do Órgão Municipal de Educação (OME), e o corpo de Tutores (TR). O documento ainda deixa claro que cabe à Secretaria Municipal de Educação a coordenação e o monitoramento das atividades do PROINFANTIL no âmbito municipal.

Quanto à sua inserção no território nacional, o PROINFANTIL foi oferecido para todas as regiões do Brasil. A adesão foi feita, inicialmente, no ano de 2005, pelas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, implementado nos estados: Ceará, Goiás, Rondônia e Sergipe.

Em 2006, Alagoas, Amazonas, Bahia e Piauí implementaram em seus territórios o PROINFANTIL. Já em 2009, o Programa foi implementado pelos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima.

O Guia Geral ressalta que, para o estado confirmar a adesão, é preciso haver o Acordo de Participação no qual se encontram descrito às responsabilidades no Programa, relativos ao estado e município.

Além dos componentes Federal, Estadual e Municipal, o PROINFANTIL recebe apoio das Universidades Federais nos Estados onde o Programa se faz presente. As Universidades estão vinculadas ao Componente Federal, elas oferecem ao Programa uma contribuição pedagógica juntamente com os ATPs.

As Universidades têm o papel de planejar, organizar e executar a Formação Estadual que é uma das etapas formativas do Programa. Tem por objetivo, portanto, planejar, organizar a agenda formativa e executá-la no período indicado pelo MEC, perfazendo um total de seis a oito dias. Tem ainda, como objetivo, dar orientações aos integrantes das AGFs, aos Professores Formadores, APEI e Coordenador, sobre os temas que são abordados nos módulos do semestre em vigência. A formação é constituída de palestras, minicursos, oficinas e mesas-redondas. Durante a formação, coordenada pelas Universidades, acontecem, em paralelo, o planejamento e discussão das atividades que serão desenvolvidas nas diferentes AGFs, durante um período semestral.

As universidades que coordenam o Programa recebem uma verba do Ministério, a fim de executar não só a Formação Estadual, mas também para dar todo o suporte financeiro necessário para desenvolver as intervenções pedagógicas necessárias para a execução do Programa.

No que diz respeito à metodologia do Programa para os Cursistas, o Programa divide-se em atividades presenciais e atividades individuais para a formação do profissional.

As atividades presenciais são oferecidas da seguinte forma: a Fase Presencial com 76 horas distribuídas em 10 dias de atividades, no início do módulo, orientados por professores da AGF, segundo o Guia.

O Encontro Quinzenal que, de acordo com o Guia, perfaz um total de 64 horas, em oito encontros quinzenais, durante cada módulo, congrega a todos os Professores Cursistas de um mesmo Tutor e ocorrem aos sábados. As atividades são programadas em função de prover orientações, suporte à aprendizagem e acompanhamento do trabalho e do desempenho dos Professores Cursistas.

A Fase Presencial Intermediária perfaz um total de 20 horas de atividades presenciais realizadas durante cada módulo e coordenadas pelos Professores

Formadores das Agências Formadoras. Às 20 horas de cada módulo são distribuídas em dois encontros que antecedem as provas bimestrais. Totalizando, assim, 160 horas de atividades presenciais por módulo no PROINFANTIL.

Além das atividades individuais que, segundo o Guia Geral, devem ser desenvolvidas pelo Professor Cursista com base nos livros de estudo, são desenvolvidos, individualmente, através das atividades de estudos, o registro reflexivo, o portfólio, o planejamento diário, memorial, registro de atividades, Prática Pedagógica, Projeto de Estudo, Provas Bimestrais e Atividades Extras.

Retomando as atividades presenciais mais especificamente o Encontro quinzenal e a Fase Presencial, acrescento que, segundo o Guia, o Encontro quinzenal, encontro dos Professores Cursistas com seu tutor, tem como objetivo esclarecer dúvidas, discutir os temas da unidade, ampliar conhecimentos por meio da apresentação e da discussão de vídeos, apresentar orientação para a unidade seguinte e, quando necessário, apresentar orientação para reformulação das atividades realizadas.

São realizados encontros, a cada duas semanas, aos sábados, em local definido pelo município. Cada encontro compreende oito horas, perfazendo um total de 64 horas distribuídas nos oito sábados do semestre. A presença do Professor Cursista a essa atividade é obrigatória.

Já a Fase Presencial será desenvolvida com o objetivo de informar e orientar o Professor Cursista para o desenvolvimento dos estudos e das reflexões relativos ao módulo. Além da apresentação de uma visão geral dos conteúdos do Módulo, são trabalhados aspectos relativos ao desenvolvimento e ao aprimoramento de sua prática pedagógica, além de métodos de estudo, leitura e interpretação de mapas, utilização de instrumentos matemáticos e outras atividades que auxiliarão o professor cursista no seu desempenho na etapa correspondente do curso. Esta fase é realizada nas Agências Formadoras, nos meses de janeiro e junho.

Acrescento ainda mais uma atividade, a Jornada Mensal, momento de formação dos Tutores feita pelos Professores Formadores na Agência Formadora. Essa natureza de formação não é mencionada no documento oficial.

Como se pôde observar, a dinâmica do PROINFANTIL, considerando as diferentes atividades propostas, é intensa e requer a mobilização de profissionais habilitados a implementar a proposta, conforme suas especificidades. Como forma de ilustrar as informações aqui sistematizadas, apresento, na sessão apêndice, imagens que correspondem ao Guia Geral e aos livros de estudo referidos.

Na continuidade, faço considerações sobre o PROINFANTIL no nosso estado.

2.2. O PROINFANTIL na Bahia

A implementação do grupo I na Bahia ocorreu em janeiro de 2006, com Agências Formadoras nos municípios de Salvador, Barreiras, Eunápolis, Feira de Santana, Gandu, Itaberaba, Vitória da Conquista e Juazeiro. Atualmente, a Bahia conta com sete Agências em todo o estado: Barreiras, Eunápolis, Feira de Santana, Gandu, Itaberaba, Vitória da Conquista e Salvador. Cada município desses agrega outros distritos que estão localizados ao seu redor, entre os quais se pode destacar Macururé, Amburanas e Serrinha na AGF de Feira de Santana, Itapetinga e Ribeirão do Largo na AGF de Vitória da Conquista, Itagimirim em Eunápolis segundo Menezes e outros (2011, p.60). Durante o período correspondente ao grupo I, de janeiro de 2006 a dezembro de 2007, a Formação Estadual foi desenvolvida por consultores contratados pelo MEC.

Já no grupo II, a formação foi realizada pela Universidade Federal do Mato Grosso do sul⁶, sob a coordenação pedagógica das professoras Ordália Alves Almeida e Regina Aparecida Marques de Souza.

A partir do ano de 2009, com a implementação do grupo III, a Universidade Federal da Bahia, representada pelos professores da Faculdade de Educação, Cleverson Suzart Lícia Beltrão e Mary Arapiraca, sob a liderança do primeiro, assumiu a coordenação pedagógica estadual. Em vista disso, o PROINFANTIL, no Estado da Bahia, está sediado na Faculdade de Educação-FACED, da Universidade Federal da Bahia-UFBA.

Compõem a equipe as Assessoras Técnicas Pedagógicas (ATP), Laís Bitencourt, Leila Franca, Karina Menezes e Mônica Loiola. Mais quatro estagiárias Andréia Moreno, Marili Ribeiro, Natália Senna, entre as quais, eu, Vanessa Santos, me incluo.

Em Salvador, além de funcionar a coordenação pedagógica na FACED-UFBA, encontra-se instalada, no Instituto Anísio Teixeira (IAT), a Equipe Estadual de Gerenciamento do PROINFANTIL (EEG), que é a equipe que gerencia o Programa no Estado como já foi mencionado anteriormente. Essa equipe, composta por cinco

⁶ As Universidades entraram como parceiras no Programa no ano de 2008 para promover os encontros Estaduais de Formação, acompanhar os trabalhos realizados, desenvolver pesquisa e avaliar o Programa no estado em que assumi.

profissionais, é coordenada por Miliane Lemos, que exerce cargo de confiança na Secretaria de Educação do estado da Bahia, (SEC).

Também em Salvador, encontra-se uma Agência Formadora, instalada no Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA), por atender ao requisito referente ao curso “normal”.

As atividades das Assessoras da equipe UFBA dividem-se em atividades internas e externas. As internas, que são realizadas na Faculdade de Educação, se caracterizam pelo acompanhamento da dinâmica das Agências através de contatos telefônicos e e-mails, pela organização e planejamento das viagens do mês a cada município incluído no Programa, além da organização de materiais e sistematização de seminários para Tutores e Professores Formadores, com o objetivo de lhes dar um suporte teórico e pedagógico, conforme um tema escolhido, mediante o que as Assessoras vivenciam em suas visitas.

Também como atividade interna, as Assessoras contribuem no dia a dia com o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre Matrizes Antropofágicas e Educação - GEPEMAE no que se refere às reuniões de estudo e produção dos seminários do grupo, que se integrou ao Programa, desde que o seu idealizador e coordenador Cleverton Suzart passou a coordenar o PROINFANTIL no estado. Essa dinâmica agrega ao Pro infantil uma característica diferenciada.

Já as atividades externas compreendem visitas à Agência Formadora, a fim de acompanhar o desenrolar de suas atribuições e ações pedagógicas. A visita de rotina é o momento em que as Assessoras verificam a documentação e o lançamento de notas dos Cursistas, propõem estratégias para resolução de problemas, auxiliam as Articuladoras Pedagógicas e verificam as devolutivas, textos que correspondem a um dos instrumentos avaliativos do Programa. Além de estarem pessoalmente com os Cursistas.

O deslocamento às Agências sempre é feito à base de muitas expectativas, improvisações e surpresas conforme Menezes e outras relatam:

Seguimos pela estrada todo mês em direção as Agências Formadoras. Temos o cuidado de entrar em contato com a equipe local para combinarmos o dia e hora de nossa chegada, que muitas vezes, também é decidida em função das atividades já previstas no calendário de cada módulo.

É bem verdade que a nossa viagem começa desde o momento em organizamos a nossa ida, às vezes juntas, às vezes sozinha, pois além de retornarmos os combinados da visita anterior, relembramos a cidade, o seu movimento, seu clima, sua gastronomia, suas particularidades e as situações em vivenciamos – algumas das cidades que visitamos têm histórias que sonhamos transformar em livro – como da vez em que ficamos de atendentes em uma pousada enquanto o recepcionista corria, literalmente, em busca de um táxi para nos levar a rodoviária de Barreiras. E como não medimos

distância - nem altura – para realizar o nosso trabalho, duas de nós já passamos algumas horas da noite em uma laje de um hotel, em São João do Paraíso, entre roupas no varal e a luz da lua, para encontrar o sinal de celular e internet que nos permitiu entrar em contato com as outras duas que permaneceram em Salvador... (MENEZES et. al, 2001, p. 61)

Assim como as Assessoras Técnicas, as estagiárias assumem atividades de apoio aos coordenadores, às ATPs e ao Programa, em geral, outra dinâmica que agrega ao PROINFANTIL característica diferenciada no estado da Bahia.

Dentre as atribuições desenvolvidas no PROINFANTIL, cabe às estagiárias envolver – se no dia a dia do Programa, dedicando-se, principalmente, ao estudo e pesquisa sobre a infância, sobre a educação infantil. Além disso, cabe a elas o acompanhamento das datas de aplicação das Provas Bimestrais, Provas de recuperação especial dos Professores Cursistas juntamente com a equipe, de fazer o encaminhamento dos certificados à Pró- Reitoria de Extensão da UFBA, pois é a Universidade que faz a certificação da Formação Estadual dos Professores Formadores, Articuladores Pedagógicos, Coordenadores e Tutores, após a Formação Estadual. Cabe também a elas fazer a montagem das pastas de arquivos das Assessoras no que se refere aos documentos de viagem, atender às Agências Formadoras, esclarecendo dúvidas a respeito do calendário das provas, criação e acompanhamento de blog, e-mail, flirck sobre o PROINFANTIL no estado. Cabe ainda ajudar na produção da Formação Estadual, com levantamentos de temas para as oficinas e minicursos, fazer as inscrições dos integrantes das AGFs nos minicursos e oficinas, além de distribuí-los em turmas, sem esquecer-se dos registros fotográficos da formação, participar da reunião administrativa da equipe.

Considerando que o PROINFANTIL se articula com o GEPEMAE, as estagiárias também ficam encarregadas das atividades desenvolvidas no grupo, fazendo, com a equipe, o planejamento dos seminários antropofágicos a cada semestre, a divulgação, as inscrições e no dia do seminário organizam o local da discussão e, por fim, fazem o registro fotográfico e de filmagem. Sem falar da participação dessas no grupo de estudo do GEPEMAE.

Durante a Formação Estadual, as estagiárias participam do encontro não só como ouvinte nos minicursos, oficinas e palestras, mas estão atentas, juntamente com toda equipe UFBA e a equipe formada pela EGG, no desenrolar do planejamento da formação, dando apoio aos palestrantes, aos Professores Formadores, Tutores e Coordenadores de AGF, dando suporte nas atividades planejadas.

Após a Formação Estadual, a equipe dispõe de uma semana de descanso, pois todo o trabalho que compreende o antes e depois do Programa requer uma dedicação exclusiva de todos da equipe para tudo ocorrer da forma planejada. Logo após o recesso, é hora das Assessoras organizarem as viagens para a participação delas na Fase Presencial.

Nesse momento de formação produzida e organizada pelas Agências Formadora para os Professores Cursistas, denominado de Fase Presencial, o coordenador pedagógico possibilita as estagiárias acompanharem uma das assessoras para a AGF que desejarem para viver o momento da fase.

O coordenador da UFBA acredita que o acompanhamento das estagiárias na Fase Presencial possibilita maior compreensão do Programa, a vivência nas Agências possibilita momentos de aprendizagens diversas, e a Fase Presencial dos Cursistas é propício, por estarem de férias da Universidade.

Assim, como estagiária do PROINFANTIL, considero que o Programa me possibilitou muitas aprendizagens acerca do processo de formação dos Professores envolvidos no Programa, mais não só deles pude em muito crescer em cada atividade do Programa em que participei, seja na organização, seja como ouvinte em algumas situações.

Contudo, o que mais ficou evidenciado em minha Formação no percurso do Programa em que estive presente foram os diversos caminhos apresentados aos participantes sobre a inserção da criança e a do professor na prática da leitura.

Participando das atividades de Formação Presencial aprendi que quando uma formação para professores é feita com objetivos bem esclarecidos e estabelecidos, ela ressoa e propaga feito uma onda, seguindo adiante sempre.

Acompanhando as atividades de formação compreendi que o processo de Formação para professores nunca se encerra, ela é contínua, um assunto nunca esgota em si, sempre temos um pouco mais para aprender.

Assisti a muitas palestras e oficinas, mas me envolvi com as práticas relacionadas à literatura infantil, objeto deste estudo e que passo a fazer sobre ele considerações no capítulo que segue.

3. A Literatura no PROINFANTIL: Presente!

A locomotiva PROINFANTIL é uma condução que nos transporta a todo instante a ambientes, pessoas e vivências diversas.

Verdade que nem percebemos o tempo passar de fato, tudo é transformado em um piscar de olhos. Ora estamos na “loucura” de distribuição das provas, logo mais, em momento de preparação da Formação Estadual, viagens, enfim tudo se faz muito rápido. Passaram-se, assim, os dois anos em que, no PROINFANTIL, sou estagiária.

A UFBA assumiu o Programa na Bahia em junho de 2009, com o grupo III. Para esse grupo, foram feitas as formações dos módulos II, III e IV.

O módulo I ocorreu, em junho de 2009, porém a equipe formada naquele momento era composta por Laís Bitencourt, Mônica Loiola, (as duas como ATPs) e o coordenador Cleverson Suzart. Segundo depoimento deles, naquele instante, a UFBA, na representação de Cleverson, estava conhecendo o Programa, por isso a equipe encontrava-se reduzida e todo o preparo da Formação Estadual, naquele momento, foi feito pela EEG.

A partir dos módulos II, III e IV, a equipe da UFBA estava formada pelas estagiárias e ATPs, além da coordenação ser composta Pelo prof. Cleverson Suzart e as professoras Lícia Beltrão e Mary Arapiraca. As atividades da Formação do módulo II aconteceram no mês de janeiro de 2010, no hotel Pestana, as do módulo III em junho de 2010, no Hotel Golden Tulip e as do módulo IV em dezembro de 2010, no Hotel Resort Stella Maris.

A minha inclusão como estagiária, junto com minhas colegas, ocorreu em meados do mês de agosto de 2009. E no intervalo de fins de agosto ao fim de setembro ficávamos na sala para estudar sobre o Programa, com o propósito de entender toda estrutura do PROINFANTIL e nos preparar para a Formação Estadual que estava por vir.

Em toda formação de que participei, desde a que ajudei a elaborar à que marcava presença como observadora, vivi momentos literários agradáveis. A literatura marcou presença e me surpreendeu em todas as atividades de formação do PROINFANTIL.

Em cada momento formativo do Programa, foi possível experienciar as várias faces da literatura: na Formação Estadual, Fase Presencial, Encontro Quinzenal, Práticas Pedagógicas e Jornada Mensal. A literatura esteve presente sob diversas formas, através do conto, cordel, poema, fábula... Ela se apresentou sob a forma oral e escrita.

Os momentos mais intensos no Programa aconteciam na Formação Estadual e nas Fases Presenciais, que eram as naturezas de formação a que mais a equipe da UFBA tinha participação direta. Na Formação Estadual, todo o preparo era feito pela equipe, e a fase presencial dos Professores Cursistas era o instante em que visualizávamos a Formação Estadual, formação em que as estagiárias participavam como ouvintes.

A partir do mês de setembro, passamos a organizar a Formação Estadual que aconteceria na primeira quinzena do mês de Janeiro. A organização começou a ser feita a partir das reuniões semanais realizadas pela equipe.

Primeiro se fazia o levantamento dos temas do módulo, em seguida a sistematização das ideias, que se diga de passagem, eram muitas, depois era delegado para cada pessoa da equipe uma tarefa.

Então, entre tantas ideias surgiu a de que a estrutura da formação fosse composta por palestra de abertura, apresentações culturais, mesas-redondas, minicursos, oficinas, passeio cultural e uma sala denominada Jardim das Delícias. Foi um espaço pensado para apresentar ao público a literatura infantil sob diversas faces, que ficavam ao dispor dos participantes durante os dias da formação, mais não só de livros e textos o Jardim foi composto, mais também de apresentações culturais envolvendo a literatura.

Nessas apresentações eram oferecidas aos participantes atividades de contação de histórias, dramatizações teatrais, repentes, poesias, cantigas e músicas, sempre valorizando a infância e a criança.

E foi no momento de organização da Formação Estadual, de cada módulo, que reafirmei o objeto da minha pesquisa, pois valorizo muito a leitura e a prática de Contação de Histórias. Na ocasião, me encontrava em um espaço onde a sua valorização se fazia presente. Apresentando-se nas três Formações em que organizamos.

Apresentarei as minhas vivências na Formação Estadual, considerando, principalmente, as que disseram respeito à literatura.

Começo o meu relato, com a Formação Estadual, ocorrida no mês de janeiro de 2010, que era a formação do grupo três, módulo II, estruturada com uma palestra de abertura intitulada Currículo na Educação Infantil, realizada pelo professor Dr. Roberto Sidnei, como se pode ver no anexo A, antecedida por uma apresentação cultural: um solo musical de dois poemas extraídos do livro *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles: *Roda na rua* e o poema que dá título ao livro, *Ou Isto ou Aquilo*. Aconteceram, ainda, minicursos e oficinas, passeio cultural no Museu de Arte Moderna da Bahia - MAM,

além do Jardim das Delícias, com uma agenda cultural particular, contemplando a literatura infantil.

Posso dizer que a literatura começou a denunciar que estaria naquela formação de uma forma ou de outra, desde o instante em que os integrantes de AGFs, após chegarem de uma longa viagem, encontraram em suas camas um texto de boas vindas, intitulado *Reinauguração de Drummond de Andrade*⁷, acompanhado por um chocolate da Nestlé “Sem parar”, simbolizando a expectativa de que todos se envolvessem na Formação sem parar, sem parar, sem parar...

O Jardim das Delícias foi um espaço criado pela Prof^a Lícia Beltrão e aprovado pela equipe PROINFANTIL. Nele a manifestação da literatura se apresentou de diversas formas: Havia livros, poemas avulsos, textos imaginéticos. O espaço foi criado no intuito de demonstrar como o Professor Formador pode incentivar seus Professores Cursistas a viver a Educação Infantil de forma criativa e significativa para as crianças. A ideia era a de poder alegrar e descontraír o ambiente, já que os Professores no momento da formação passavam de seis a oito dias em total dedicação ao PROINFANTIL dentro do espaço em que o MEC reservava Além disso, conforme concepção da professora, falando sobre o assunto, o Jardim das Delícias, é um

Cenário temático no qual se dispõem artefatos promotores de diversas leituras, asseguradas em diferentes suportes textuais. É possível nele se encontrar de clássicos da literatura universal a repertório de textos da cultura popular. Disponível aos leitores curiosos e atentos à ampliação do acervo escolar e do seu acervo pessoal, o Jardim pode ser visitado sempre e, especialmente, nos intervalos especificados, quando as palavras soam nas narrativas de contadores de histórias e na interpretação de cantos que a todos encantam. O sabor dos saberes se intensificam, quando o sabor das coloridas jujubas, que dão o tom das delícias, são saboreadas e se prolongam nos registros escritos que irão, mais tarde, compor as memórias de cada formação acontecida.

Na formação que agora comento, o Jardim das Delícias foi organizado com seu acervo e ornamentação baseado no título: *Mais respeito eu sou criança*, título do poema homônimo ao do livro de poemas de Pedro Bandeira. Entre livros, poemas avulsos e textos imaginéticos, destaco dois acervos de importância: Livros de Monteiro Lobato, como *O Saci*, *Reinações de Narizinho*, *Caçadas de Pedrinho*, que correspondiam à metáfora “E haja Reinação!” para ampliar as leituras e a ideia de suporte textual, foram expostas as pílulas falantes do Dr. Caramujo, contendo fragmentos de obras de diversos escritores, entre os quais se destacavam Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Mário

⁷ Poema extraído de *Poesia Completa*. Volume único. Ed. Nova Aguilar, 2002, p1427-8 (Farewell) |

Quintana. E “Poesia fora da Estante”, Vol.1. O Livro é da Editora Projeto, é uma antologia de poesia para crianças que reúne 30 escritores brasileiros. O livro é resultado de uma pesquisa feita por especialistas da PUC do Rio Grande do Sul, coordenada por Vera Aguiar e realizada por Simone Assumpção e Sissa Jacoby. O livro ganhou ilustrações de Laura Castilhos e faz um delicioso mergulho pelos encantos da nossa poesia. Dividem as páginas versos de Mário de Andrade, Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Roseana Murray, Tatiana Belink, Paulo Leminsky, Elias José e muitos outros.

Tudo no livro é poético, até a apresentação dos capítulos. Ao tratar das partes sobre o que falam os poemas, as organizadoras da ontologia explicam que:

Tudo pode ser motivo de poesia. Até uma porta. Mas é preciso que o poeta descubra em cada coisa um sentido novo. E a porta que nasce da poesia abre o mundo da imaginação para a gente (AGUIAR et . al.,1998,p.12)

As autoras contam ainda que a ideia do livro surgiu da certeza de que a poesia não tem idade. Associada ao acervo de poesias que esteve fora da estante, à estudante de Artes Cênicas da UFBA, Fernanda Beltrão recitou: Navio Negreiro de Castro Alves e Sintaxe à Vontade de Fernando Anitelli.

Também não faltaram cadernos livres, prontos para receberem registros daqueles que se sentissem à vontade para prestigiá-los com suas escritas.

Esse espaço também possibilitou ao seu público contemplar a presença da Contadora de História, Regina Campana, que trouxe no seu repertório Cantos de Acalanto, o clássico O patinho feio, de Hans Christian Andersen, e o conto popular João Jiló. Nessa apresentação, a arte de Contar História foi explorada de diversas formas, com histórias acompanhadas de músicas, instrumentos como mantos de filó que deixaram os espectadores bastante envolvidos com a história narrada.

Mas não só no Jardim das Delícias a literatura infantil esteve presente. Tivemos dois minicursos: A inserção da Criança no mundo textual, ministrado pela professora Lícia Beltrão e Linguagem e Educação e Infantil, ministrado pela professora Raquel Nery. Em ambos os cursos, não houve contação de história em si, mas as professoras traziam a literatura para ilustrar estudos, como espaço apropriado para aprendizagens e ensino.

O que posso dizer dessa primeira formação, foi que, apesar de os minicursos e oficinas não terem contemplado plenamente a literatura, o Jardim das Delícias me proporcionou bons momentos junto aos livros. A cada livro apreciado, a cada história

contada, a cada música escutada, sob os sabores de diversas jujubas, muito me ensinaram. Foi nesse espaço que li: O Joelho Juvenal e o ABZ de Ziraldo, As Reinações de Narizinho de Monteiro Lobato e ouvi músicas do CD Partimpim 1 de Adriana Calcanhoto, produzido pela cantora para prestigiar o público infantil.

Faz parte de seu repertório músicas como Oito anos, letra de Paula Toller, valorizando perguntas feitas por seu filho Gabriel, na idade dos porquês.

Após seis meses, mais uma Formação aconteceu. Sua preparação iniciou-se dois meses antes. A concepção dessa, gerada em pleno outono, foi aquecida pelas festas Juninas e a copa do mundo.

A estrutura da Formação permaneceu a mesma com minicursos, oficinas, palestras, e apresentações culturais no Jardim das Delícias, que segundo a avaliação feita pela EEG a Formação anterior tinha agradado muito aos Professores Formadores, APEI e coordenadores, principalmente o espaço cultural.

Só que agora a experiência era outra, a equipe já conhecia o perfil do grupo em que iria trabalhar, e deu para pensar numa formação mais personalizada, e como era tempo de festas juninas no nordeste e copa do mundo, a Formação foi toda ornamentada nos motivos da copa e do São João, começando pela agenda que está em Anexo B.

Essa formação foi iniciada com uma apresentação do coral infantil da Hora da Criança apresentando Pourt-pourri de canções como A velha a fiar, O sapo não lava o pé, do cancionista popular infantil. Instalada a mesa, a programação foi iniciada.

O módulo III foi o que mais contemplou, na Formação, a contação de história em suas unidades, por isso toda programação, desde os minicursos e oficinas, até o Jardim das Delícias contemplaram o tema.

A versão do Jardim das Delícias, dessa vez, tinha o título Linguagens no Campo, contemplando os termos técnicos usados numa partida de futebol, termos como: Gol, trave, replay, bola, técnico, campo, jogador, meia-esquerda, atacante, cartão, juiz entre tantas outras palavras, livros que abordavam o tema futebol, de autores como Eduardo Galeano, estrangeiro, a Ricardo Azevedo, com o Pobre Corinthiano Careca. Paralelamente, representando o campo, havia quadras juninas, palavras, adivinhas, sortes, entre outros.

Houve duas oficinas específicas sobre a literatura infantil: A Constituição e Uso de Acervo Bibliográfico na Educação Infantil, ministrado pela Contadora de Histórias Regina Campana e Literatura na Educação Infantil, ministrada por Luciene Santos, também Contadora de Histórias. A primeira tratou da constituição do acervo de histórias

infantis na Educação Infantil, apresentando parlendas, cantigas, trava-línguas e livros, deixando claro para os participantes que o acervo na sala de aula pode ser diversificado.

Os professores que participaram dessa oficina puderam perceber como se monta um acervo literário nas classes de Educação Infantil, convidativo para as crianças.

A outra oficina, aqui apresentada com mais detalhes, contou com a minha participação.

O espaço da oficina esteve bem caracterizado com um pequeno tetro de marionetes intitulado Tetro da Hora que tinha três bonecos, mais uns dedoches; naturezas de histórias diversas: terror, aventuras, fábulas, contos, histórias de repetição e mais: cantigas e poesia. Via-se também um conjunto de títulos que correspondiam à legenda: Livros que eu gostaria de ler: Era uma vez, era uma vez, ABZ de Ziraldo, As reinações de Narizinho de Monteiro Lobato, O cata-vento e o ventilador de Luiz Camargo, A conversa das palavras de Jandira Mansur, Roberto do diabo, de Ricardo Azevedo e Diversidade de Tatiana Belinky.

No chão havia um lindo tapete que continha o desenho de crianças lendo um livro e um baú de contador de histórias, como pode ser visto no Anexo C. O que posso dizer é que o ambiente estava favorável para sermos convidados a soltar a imaginação

Ela iniciou a oficina pedindo para que todos que ali estavam tirassem os sapatos e sentassem numa roda em cima do tapete e ao redor do baú. Em seguida, abriu o baú, retirou uma pequena caixa, que continha uma pedra verde, essa pedra seria a nossa máquina do tempo que nos transportaria ao passado, quando pela primeira vez havíamos ouvido uma narração de histórias. Quando cada um estivesse com a pedra em mãos, deviríamos lembrar e contar a primeira história em que tínhamos ouvido e, se possível, lembrar o momento descrevendo-o.

Nesse exercício, a proposta era a de olharmos um pouco para dentro de nós, nos redescobrirmos. O contador de história precisa inicialmente se descobrir e redescobrir, Celso Sisto (2001, p. 33) assim considera sobre o assunto:

Por todas essas coisas o trabalho de formação do contador de histórias obedece a um certo ritual. O ritual de autoconhecimento, o ritual de observação do outro, o ritual de abrir o imaginário com a chave que cada um escolher, pelo exercício de contar uma história como se conta um fato da vida pessoal, com envolvimento, emoção, naturalidade, credibilidade.

À medida que íamos contando, também fazíamos o exercício de ouvir o outro com as suas experiências, além de nos propor com o acervo exposto de fazermos o nosso reconhecimento daquilo que nos tocava.

A oficina foi prosseguindo e cada pessoa foi falando o seu momento, a sua história, até que uma das pessoas que participava da oficina começou a chorar, ao lembrar quando ouvia histórias, quando era criança, narradas por sua irmã mais velha.

Bem, essa tinha sido a segunda vez em que, ao participar de uma oficina de contação de história, presenciei um dos participantes expressando sentimentos daquele modo, denunciando para mim que a história ouvida não despertava só emoções alegres, mas tristes também. Sobre o assunto é também Sisto (2001, p.46) quem considera:

Isso é o que nos interessa: a emoção despertada em nós pelo texto. E é preciso contar aqui – a despeito da nossa tradição cultural “popular” que rejeita tudo o que é triste ou mais reflexivo – que emoção não é aquilo que só provoca lágrimas, que nos faz chorar, não! O riso é emoção. O medo o pavor, o pânico, a admiração, o encantamento, a reflexão... Tudo isso são maneiras de emoção.

A cada história ouvida e contada vivemos emoções, desde a triste as alegres, enfim o envolvimento com a oficina foi total. Após esses relatos e trocas de vivências a contadora narrou uma história, reconto de Ana Maria Machado Cachinhos de ouro, acompanhada por uma música de sua autoria. Sobre contação de história acompanhada por música Coelho Silva (2006) diz que a música complementa a narrativa, ela pode ser inventada pelo narrador ou adaptada, considerando-se, por exemplo, a letra de músicas conhecidas. Quanto à inserção, pode ser no decorrer do enredo ou final.

Em relação à outras dinâmicas, a contadora nos mostrou que, para ser um contador, é preciso de entrega, acima de tudo gostar, e muito da prática, o narrador precisa deixar a narrativa fluir pelo seu corpo e alma, sem medo, é preciso estar voltado para a prática. Na expectativa de compreender essa concepção relacionada à entrega de um contador de história, fui a Ribeiro (2001, p. 104) que diz:

É muito difícil precisar o que seja essa entrega do contador de histórias, porque talvez ela esteja ligada à vocação, ao amor pelas histórias e ao respeito pelo público que as está ouvindo: não sei se chamaria a isso de dom ou inclinação.

A coordenadora da oficina nos deixou, ainda, cientes que o contador tem de ser uma pessoa que gostar de ler. É importante ler muitas histórias, dispor de um acervo de boas histórias, pois, para poder contar e encantar, é necessário dispor de um bom repertório. O gosto pela leitura no parecer de Celso Sisto (2001, p 111) é fundamental.

Sem deixar de levar em conta os acontecimentos fortuitos do ato de contar, a performance do contador em uma história deve ser resultado da sua leitura em profundidade, seu estudo e preparação para trazer a público a história da forma mais expressiva possível e mais plurissignificativa.

A coordenadora do curso ensinou que, antes de contar uma história, precisamos conhecer o que acontece e onde vai parar a história, pois, ao contá-la, temos que criar todo um clima para que a imaginação esteja solta. Conhecer o público também é importante. Percebi que o contador de história precisa se preparar para a contação, pois, ao ouvir uma narração, somos convidados a viver a história por meio do imaginário.

Enfim, essa oficina ofereceu alguns saberes importantes para aqueles que desejam contar histórias para seus Cursistas, para suas crianças, mães, pai, namorados, afinal quem não gosta de ouvir uma bela narração, que nasce no coração?

Os momentos seguintes foram de exploração do espaço e dos muitos materiais auxiliares de contação que estavam expostos. Por fim, uma história foi narrada pelos participantes, cada um a seu sabor.

Essa foi uma oficina em que contamos e ouvimos histórias de um jeito especial e particular.

Já no último dia de formação, após uma manhã de planejamentos nas áreas temáticas, seu desfecho se deu com uma visita à Biblioteca Monteiro Lobato, localizada no bairro de Nazaré, cumprindo o objetivo de se ampliar os espaços formativos. A Biblioteca foi apresentada a todos por uma guia. Em seguida, ele deixou as visitantes à vontade para contemplar os vários espaços da biblioteca que foi idealizada, pela educadora Denise Tavares, em homenagem ao escritor Monteiro Lobato e destinada ao público infantil.

Nessa visita também foi possível conhecer o projeto Experimentos com a Literatura Infantil de Monteiro Lobato, desenvolvido na Universidade de Jequié, coordenado pela Prof.^a Maria Afonsina Matos.

Nessa visita, as professoras do Programa presenciaram o envolvimento das crianças que ali se encontravam, explorando os vários espaços da biblioteca como a brinquedoteca, além de vê-las folheando e lendo os livros que compõem o acervo da biblioteca. Entre os títulos se encontram as produções literárias de Lobato.

A proposta da visita dos professores na biblioteca não foi ocasionada só pelo fato de mostrar aos professores que dá certo proporcionar à criança, desde cedo, encontros com a literatura, mas também de incentivar as professoras a procurarem se envolver, cada vez mais com livros, pois de nada adianta formar a criança leitora, sem que o professor o seja. Sobre a postura que denuncia o contrário, Celso Sisto (2001, p. 99) esclarece que

Para fazer o aluno gostar de ler. Falar com entusiasmo e emoção das suas leituras. Comentar freqüentemente de alguma leitura que esteja fazendo ou que o tenha marcado pensar com cautela porque prefere este tipo de leitura e não aquele. Pensar na leitura não só como exigência profissional, mas como uma necessidade pessoal.

Toda a programação dessa Formação como a das outras teve como objetivo mostrar ao Professor Formador, Coordenadores e APEIs que é importante seduzir e encantar a criança com a prática e o envolvimento com a leitura e vasta literatura que temos, porém a inserção do professor também com a prática da leitura se faz necessária.

Já na Formação de dezembro de 2010, outro clima era vivenciado, era início de verão em Salvador, também era a última Formação do grupo três, o módulo era o IV, a equipe estava afiada nos bastidores do evento, com muitas expectativas e ideias.

Não posso deixar de dizer que, dessa vez, o texto de boas-vindas foi o invento de Carlos Drummond de Andrade, Natal Antecipado⁸.

Como em todas as formações, o primeiro passo era analisar os módulos e as unidades do semestre que viria para que, dessa maneira, a Formação contemplasse de tudo um pouco.

As unidades de Linguagem e Códigos e Fundamentos da Educação nos diziam que a contação de história seria contemplada novamente nos livros.

Dessa forma, a poesia, as histórias, a arte em si estavam convidadas para essa Formação de um jeito bem especial, afinal seria a última Formação do grupo. Preparamos a formação tendo como tema as festas natalinas, mas contemplando as festas populares, pois, se dava início às festas populares em Salvador.

Os estudos foram iniciados com uma apresentação de dança de salão, numa manhã de domingo ensolarada, do mês de dezembro. O espetáculo era Samba de Gafieira, criado pelo coreógrafo Marcelo Galvão Guimarães.

A estrutura do evento contemplou ainda salas temáticas, mesa redonda, minicursos e oficinas, além da ampliação dos espaços formativos, com um passeio ao Pelourinho com um cardápio Cultural de visitas a alguns museus do centro histórico.

No quarto dia da programação, tivemos uma mesa redonda composta por nomes como Jussara Hoffman, Ivone Barbosa e Ordália Almeida o tema da mesa era Avaliação na Educação Infantil. Para surpresa de todos, mais uma vez, a literatura disse presente! Dessa vez, com os sussurradores de poesia, levados pela professora Marta Galvão do

⁸ Crônica extraída de Prosa seleta. Volume único. Ed. Nova Aguilar.

Colégio Marista de Patamares. Esse, que é um manifesto francês, é um apelo para a leitura de poemas sussurrados. Segue o manifesto:

Manifesto dos Sussurradores de Poesia⁹

Os sons mais característicos do mundo atual são, de fato, barulho, ruído. Esta inquietude diante do que ouvimos está cada vez mais forte e inspira a arte contemporânea através de propostas que incorporam, ao sentido da visão, a experiência auditiva. Não raro, essas experiências remetem aos sons da cidade, à velocidade, à dificuldade de comunicação, à superposição de vozes, ao grito... Ao incômodo. A arte nos diz: o som é uma dimensão que já não sabemos habitar. A ausência de som, nossa triste utopia. Há quem diga que os novos sinais de riqueza se mostram através da posse do tempo, do espaço e do silêncio. Os sons nos empobrecem? Ainda temos a música e a palavra (bem) falada. A palavra ao ouvido - o sussurro - é a nossa escolha. Gostamos deste espaço intermediário entre o som e o silêncio, onde estes extremos se tocam. Inspiramo-nos no grupo performático francês *Les Souffleurs* (literalmente, Os Sopradores), que realiza intervenções em várias cidades do mundo sussurrando fragmentos de textos poéticos e filosóficos no ouvido das pessoas, numa tentativa de **desaceleração do mundo**. “Comandos Poéticos” é a performance mais famosa dos *Les Souffleurs* e foi apresentada na cidade de São Paulo, na Virada Cultural de 2009, quando sussurraram poesia em praças e bibliotecas. Como o grupo *Les Souffleurs*, usamos um tubo para sussurrar os textos. Mas optamos por reaproveitar tubos de papel que, na nossa proposta, se tornam um objeto lúdico, belo e que recupera o gosto das brincadeiras simples de antigamente. Propomo-nos a usar a poesia como delicado presente, que se leva da boca ao ouvido. Começamos pelas crianças, elas que estão sempre mais atentas e abertas. Queremos brincar de, por um instante, silenciar o mundo como um poema. E que elas sigam com a idéia. Aos poucos, vamos incluindo outras gentes que se disponham a interromper a tagarelice do mundo com segundos de poesia.

No repertório, poemas de escritores como Mário Quintana, Cecília Meirelles, Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e Mabel Veloso marcaram presença ao pé do ouvido dos participantes e, assim, foi possível mostrar outras facetas da utilização da literatura em nosso dia a dia.

Como não poderia deixar de ser, nessa formação, a presença da literatura oral foi mais uma vez prestigiada, bem representada por Cléo Busatto como professora de minicurso e oficina. Busatto é Arte- Educadora e autora dos livros: *Contar e Encantar*, pequenos segredos da narrativa e *Arte de Contar histórias no século XX*, *Tradição e Ciberespaço*.

Cléo Busatto ministrou a oficina intitulada por *A arte de contar história no século XXI*, nome extraído de seu livro. Nessa oficina, em que também estive presente, foi contemplada a narração de contos, como o da *A princesa e o sapo*. Um sino, instrumento musical utilizado pela contadora, chamou atenção de seu público.

⁹ Disponível em <http://marista.edu.br/patamares/2010/12/16/alunos-do-marista-sao-convidados-a-sussurrar-poesia/>.

Nessa oficina, ela relatou como a contação de história contribui para formação da criança, o que tem por trás do ato de contar histórias. Hoje, em tempos que as imagens, a internet atraem as crianças, como se pode trabalhar a contação incluindo-a no contexto digital?

Na oficina, a professora não se deteve a ensinar a contar histórias, mas o objetivo específico do minicurso foi o de discutir a posição da contação de histórias hoje, em tempos de internet e imagens tridimensionais. Sobre a questão, em Busatto (2006, p. 20) ela diz:

Para a atual sociedade de consumo, contar histórias pode ser interpretado como perda de tempo. É só observar a pouca paciência que se tem para ouvir o outro. Gostaria de esclarecer que me refiro à regra e não às exceções. E, na seqüência, procuro mostrar o outro lado, o da urgência de recuperar o tempo de ouvir. Nesse tempo de produção, parece que não há disponibilidade e serenidade para ouvir história, apesar do crescente interesse que se tem observado pela literatura oral.

No percurso do minicurso, a autora expôs aos participantes como se pode conquistar as crianças com a prática de contação de histórias viabilizada pela multimídia. No decorrer de sua pesquisa, buscou caminhos que proporcionassem o contador de histórias estar inserido no universo cibernético.

Desenvolveu uma pesquisa dos contos, histórias e lendas de todas as regiões brasileiras e então desenvolveu narrações produzidas em estúdios para produção de DVDs e CD-ROM interativos para as crianças ouvirem as narrações e conhecerem as várias lendas que compõem a literatura oral brasileira, distribuídas nas várias regiões do país.

Já na oficina que foi ministrada pela mesma, com o título Contação de histórias e Letramento, a escritora e contadora ensinou técnicas de contação de histórias aos participantes, considerando como pode ser possível letrar e encantar as crianças através da contação. A oficina foi iniciada com a narração da história O florista e a gata, título também do livro de sua autoria. Após a narração, nos falou um pouco da escolha que fazemos das histórias que seriam narradas, nos convidou a fazer um exercício de voz com onomatopéias que desejássemos. Depois, escolheu cinco participantes que deveriam, à medida que ela fosse regendo, imitar os sons que tinham escolhido.

Ao fim, depois que a orquestra estava bem ensaiada, pediu para os participantes escrever cada um a sua história a partir daqueles sons. Nesse instante, ela nos mostrou que temos diversas possibilidades de interpretação com o som que estamos emitindo.

A conclusão dessa oficina foi feita mediante apresentação de materiais de contação de história, concluindo com a narração de um trecho da história, redigida pela mesma Paiquerê Piriqui Fiietó, que é uma apresentação dos mitos dos povos Caingangues e Guaranis que habitavam a região sul, quando da chegada dos portugueses.

Mas não só nesses espaços tivemos a presença da contação de história, o Jardim das Delícias, dessa vez se configurando como Jardim das Celebrações, veio cheio de encantamentos natalinos, tendo como texto principal Natal Antecipado, crônica de Carlos Drummond de Andrade.

As jujubas não deixaram de marcar presença na festa das celebrações, tornando os sabores ainda mais doces e deliciosos, em sua decoração enfeites natalinos, e fotos das últimas atividades da Formação Estadual espalhada pelo espaço do Jardim.

Como não poderia de deixar de ser, a literatura oral marcou presença e foi apresentada pela contadora de histórias Keu Ribeiro. A contadora de história Regina Campana apresentou várias histórias, contemplando o tema “Em todo livro vive um Natal.” Houve ainda a apresentação do cordelista, Antonio Barreto .

Nem precisa dizer que o Jardim das Delicias se consagrou como o cantinho das delicias culturais na Formação Estadual. Foi o local criado para inspirar os participantes a exercitarem a criatividade, pensando na creche, na escola, nas salas em que as crianças se agregam.

O fim dessa formação foi em tom de despedida, com a apresentação de dança do ventre e música, ao som de violão e voz do coordenador Cleverton Suzart, além de muitos sorrisos e alegrias. A festa marcou o fim da formação desse módulo, como não poderia deixar de ser depois, já que seu tema foi festa: a do Natal e as Festas Populares. E a literatura disse: Presente!

3. 1 - A Formação Presencial, Encontro Quinzenal e Prática Pedagógica. A literatura se faz presente?

Concluída a Formação Estadual, todos os participantes voltam para seus municípios, levando em sua bagagem muitas ideias para ser trabalhada na Fase Presencial, etapa específica de formação dos Professores Cursistas.

Fui a mais esse momento formativo do programa no intuito de perceber a presença da literatura, modo geral, na Fase Presencial e como ela seria apresentada aos cursistas, a fim de utilizá-la, inserindo-a no ambiente das creches.

Nesse módulo, em especial, fomos às Agências de Salvador, como de rotina, devido ao fácil acesso, à sua localização. Em seguida, passamos, consecutivamente, pelas Agências de Eunápolis, Vitória da Conquista, Feira de Santana e Itaberaba. É de nosso interesse abordar sobre as Agências - Vitória da Conquista e Salvador - intencionalmente escolhidas para realização da pesquisa de campo.

Começamos as considerações, pela Fase Presencial da Agência de Salvador, na expectativa de revelar o que foi constatado com relação à presença da literatura nos encontros.

Nessa Agência Formadora, não percebi a presença da literatura de forma intensa - histórias registradas em livros, contos maravilhosos, contos populares, histórias acumulativas, - nos espaços de formação, como é comum acontecer na Fase Presencial, em que são expostos personagens saídos dos livros, agenda com registro de oficinas, entre outros. Ainda que pouco possa relatar, pois o tempo não foi suficiente, reafirmo que não havia nenhum anúncio da literatura, naquele espaço.

A Fase Presencial da Agência Formadora de Vitória da Conquista teve início em 24 de janeiro de 2011, com a recepção aos Professores Cursistas. O evento começou no auditório do Instituto de Educação Euclides Dantas, em que a Agência Formadora se encontra localizada. Como é comum, a escola estava ornamentada com bolas, luzes cênicas. Contava-se com a presença das princesas dos contos de fadas, denotando, de alguma forma, que a literatura estaria presente naqueles dez dias de formação.

Nesse mesmo dia, houve a recriação dos Sussurradores (v. considerações na p.31). As Professoras Formadoras, parafraseando a experiência da Formação Estadual, apresentaram um repertório de piadas e adivinhas para os cursistas ao pé do ouvido.

Nos quatro dias em que permanecemos na cidade de Vitória da Conquista para fazer o acompanhamento da Fase Presencial, a literatura foi apresentada em forma de

texto. A cada dia, os cursistas recebiam textos literários, como o que cito, exemplificando:

“Há quem diga que todas as noites são de sonhos...
 Mas há também quem diga que nem todas...
 Só as de verão...
 Mas no fundo isso não tem muita importância...
 O que interessa mesmo não são as noites em si...
 Mas sim os sonhos...
 Sonhos que o homem sonha sempre...
 Em todos os lugares, em todas as épocas do ano...
 “Dormindo ou acordado...”
 William Shakespeare

Ainda assim, considero que não foi contemplado o trabalho pedagógico em si. Na Agência de Feira de Santana, a Fase Presencial já estava em andamento. O clima era o melhor possível, apesar de se ter um número de cursista grande. Havia uma organização e preparo muito intensos por parte da equipe local.

Nessa Fase, foi possível perceber e viver a literatura escrita e oral. A contação de história estava toda prosa. Na agenda, muitas oficinas de contação de histórias, além de uma sala que tinha a mesma intenção do Jardim das Delícias. (conferir considerações, p. 25)

Durante essa Fase, encontrei Emília, a boneca falante, que marcou presença, cantando, dançando e ensinando a contar histórias. Dona Baratinha também contou suas histórias, em uma oficina de contação.

A oficina ministrada pela própria boneca de pano para os Cursistas ensinou algumas possibilidades para a literatura oral ser apresentada para as crianças. Ela mostrou desde flanelográficos, teatro de sombras, narrativa simples, narrativa acompanhada por música ou gravuras, e narrativas de desenho. Sobre essa dinâmica, Coelho (2006, p. 31) diz: “Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la”.

Para tal, faz-se necessário que o professor tenha esse conhecimento que a narração de história não se faz somente, lendo-se a história no livro ou contando-se a história; o professor deve saber das diversas possibilidades para uma narrativa. Em vista disso, a Professora Formadora, na pele de Emília, propôs uma oficina que depois de apresentar algumas formas de narração como: Teatro de sombras, narrativa acompanhada por música, história cantada, marionetes, flanelográficos, pediu que a turma fosse dividida em grupos, para que cada grupo apresentasse uma das possibilidades apresentadas para a contação.

Começando pelo teatro de sombras, houve um momento de muita criatividade, com as luzes apagadas foi acesa uma lanterna para proporcionar aos que assistiam à história visualizar somente as sombras refletidas no lençol. A história foi a da Mula sem cabeça.

Em seguida, foi a vez da equipe que ficou encarregada de fazer a narrativa com a utilização do livro, a história foi Bom dia, Todas as Cores! Autoria de Ruth Rocha. As cursistas escolheram uma entre o grupo para contar a história.

A Cursista, encarregada pela contação, narrou a história com utilização das figuras do texto para ilustrar a história. A respeito dessa forma de narração Betty Coelho (2006, p.32 e 33) diz:

Há textos que requerem, indispensavelmente, a apresentação do livro, pois a ilustração os complementa. Examinando-se livros onde se destaca a apresentação gráfica e a imagem é tão rica quanto o texto (às vezes mais rica), verifica-se a propriedade do recurso. O premiado Filó e Marieta (24) são interessantíssimos, quando o narrador solicita a leitura dos ouvintes começando por indagar:

- Quem será filó? E Marieta?

As crianças elaboram história de surpresa em surpresa.

A Professora Formadora fez uma boa escolha da história para essa narração, já que o livro Bom dia, todas as cores! É um livro que aborda a história de um camelão que, na tentativa de agradar a todos, os amigos, mudando de cor a cada opinião dada, descobriu que o bom mesmo é aceitar de bom agrado todas as cores, mas sem esquecer-se daquela que mais lhe agrada. É um livro bem ilustrado. A história foi contada pelo texto escrito e pelas ilustrações. A cursista narrou à história, usando a ilustração. Porém faltou à cursista fazer indagações, a fim de proporcionar aos que assistiam ter um envolvimento preliminar com a história contada.

Por fim, a boneca de pano nos contou a história da Coca, que é um conto acumulativo da literatura oral, que se caracteriza por ser uma história sem fim, segundo Câmara Cascudo (2001).

Uma vez, um menino foi passear no mato e apanhou uma coca. Chegando em casa, deu-a de presente à avó, que a preparou e comeu. Mas o menino sentiu fome, e depois voltou para buscar a coca, cantando:

Minha avó me dê minha coca,
Coca que o mato me deu.
Minha avó comeu minha coca,
Coca recoca que o mato me deu.

A avó, que já havia comido a coca, deu-lhe um pouco de angu. O menino ficou com raiva, jogou o angu na parede e saiu. Mais tarde, arrependeu-se e voltou, cantando:

Parede me dê meu angu,
Angu que minha avó me deu
Minha avó comeu minha coca,
Coca, recoca que o mato me deu.

A coordenadora da oficina também apresentou materiais para serem utilizadas na contação de história, como cd de narrações de clássicos infantis como as coleções de Bia Bedran, CDs do Prof. Antônio Bahia, teatro de Marionetes, confeccionado com a reutilização de caixa de papelão para serem utilizados em sala de aula, além de parlendas e trava-línguas como possibilidade de contação para as crianças.

Nas oficinas e nas aulas de cada área, poesias e textos eram distribuídos para os participantes. O que posso dizer e relatar que a experiência, na Agência de Feira de Santana, foi muito adequada à experiência de educar com a presença da literatura, visando às crianças.

Além de terem a preocupação em extrair da Formação o que lhes foi oferecido, eles passaram o conhecimento adiante para seus Professores Cursistas, propiciando uma formação recheada de possibilidades para serem trabalhados no dia a dia da Educação Infantil, fazendo acontecer a ideia do Programa de multiplicação de conhecimento.

O fato de ter visitado a Agência de Itaberaba contribuiu para trazer os seguintes comentários: Constatei que foi realizada uma releitura da Formação Estadual na Fase Presencial. Nessa fase, acompanhamos quatro dias de formação.

O que nos chamou logo a atenção foi que houve uma reconstituição do Jardim das Delícias. O Jardim das Delícias na Fase de Itaberaba valorizou a cultura local do município e dos distritos que estão ao redor da cidade e que dispõem de Cursistas do Programa. O objetivo era que cada Tutora com sua turma de cursista levasse um pouco da cultura literária da sua cidade de origem.

A única apresentação em que estive presente foi produzida e feita pelas Tutoras e Cursistas do município de Várzea da Roça, que trouxeram um pouco da festa do Espírito Santo, uma festa folclórica local, que ocorre todo ano no município, segundo Cascudo (2001) é folclórica porque os elementos característicos são: Antiguidade, Persistência, anonimato e oralidade.

Na apresentação, as mesmas trouxeram as fantasias utilizadas nas apresentações, e num samba de roda, dançaram e contaram a história da cidade no samba de roda.

Nessa apresentação, a literatura esteve presente numa forma bem original, fazendo-se valer pela literatura oral, que tem por essência guardar através do tempo os costumes e história de um povo.

E assim concluo o meu relato do que vivenciei na Fase Presencial e passo a fazer considerações sobre os Encontros Quinzenais e Práticas Pedagógicas, evidenciando a presença da Literatura nessas etapas formativas dos Cursistas, já que foi nesse espaço que coletei dados, através de entrevista e acompanhando a prática pedagógica.

O Encontro Quinzenal da cidade de Itapetinga, pólo da Agência Formadora de Vitória da Conquista, foi estruturado de forma que não ficasse de fora a presença literária do encontro, já que o tema do mesmo naquele instante referia-se à Avaliação na Educação Infantil.

Por isso havia na sala fragmentos de frases de incentivo a leitura, como a frase de Paulo Freire que diz: “... É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão”...

Com um pequeno acervo composto por revistas pedagógicas e livros que discutiam a avaliação na Educação Infantil, encontrava-se a Revista Nova Escola da Editora Abril, com exemplares variados. Dos livros que ali estavam destaque: Avaliar: Respeitar primeiro educar depois de Jussara Hoffman, livro em que a autora trata da avaliação na Educação Infantil ontem e hoje no país.

As cursistas dessa cidade, muito animadas, tinham na ponta das línguas perguntas e comentários a serem tecidos, no encontro sobre a avaliação na educação infantil.

O posicionamento das Tutoras nesse Encontro Quinzenal – EQ, frente ao acervo montado na sala era o de promoção da leitura, com a intenção de formar leitoras e oferecer às Cursistas base para a produção do relatório final, instrumento de conclusão do curso. Como esse era o terceiro E.Q realizado após a Formação Estadual, as Tutoras estavam cheias de ideias para a execução da Fase, tendo como expectativa passar para as Professoras Cursistas o que viram na Formação Estadual, isso se tornou perceptível e pode ser notado por esta fala:

“Quando as tutoras voltam da formação em Salvador trazem muitas novidades que nos passam e de uma forma ou de outra fazemos na creche. (Professora Cursista I do Programa)

Já no Encontro Quinzenal da Agência Formadora de Salvador que aconteceu na Escola Municipal CSU Narandiba, localizada no bairro Cabula IV, observei que, na sala em que ocorreu o Encontro, tinha um cantinho da leitura com diversos livros, contos, jornais, receitas, cartazes com rótulos, parlendas e trava-línguas.

As Tutoras nesse E.Q abordariam a alfabetização e o letramento, por isso criaram um espaço muito propício para abordar o tema proposto e, em contra partida, trazer ao ambiente a literatura, sob as suas diversas formas e também outros gêneros. Por isso podíamos ver: rótulos, poemas, revistas em quadrinhos, livros, enfim uma grande variedade.

No acervo constituído, a diversidade era contemplada. Foi possível perceber a presença de títulos como A borboleta Azul, Os dez amigo, O Menino Maluquinho, O calcanhar de Aquiles e Flicts, todos assinados por Ziraldo. Mas, também se encontravam textos como O amigo do rei de Ruth Rocha, Vira bicho! De Luciano Trigo, Ou isto ou aquilo de Cecília Meirelles e revistas em quadrinhos, como o da turma da Mônica de Maurício de Souza.

Havia um cartaz com o título Leitura legal! Que continha rótulos com suas logomarcas, outro cartaz que era um calendário e por fim o cantinho dos poemas que, dentre, destaco Brincando na chuva, que diz.:

Mãe,
Deixa eu sair na chuva,
Quero ir lá para brincar
Senão vai chover em casa, de tanto
Que eu vou chorar!

O tema do Encontro era “O lugar da leitura e da escrita nas construções de saberes”, Foi iniciado com uma oficina de letramento.

O que se pode compreender desses espaços no momento dos Encontros Quinzenais é que os formadores já entenderam que, para se formar leitor, faz-se necessário incentivo e isso se faz por várias vias e uma delas é a apresentação de vários títulos aos futuros leitores, possibilitando que os futuros leitores façam as suas escolhas.

Antes de incentivar a criança é necessário incentivar o adulto, o professor, ele tem de ser leitor, tem de gostar de ler de saborear os vários títulos que dispomos e ter acesso a essa variedade literária, Sisto (2001, p. 99) já relata em seu livro que:

Para fazer o aluno gostar de ler, o professor tem antes que gostar de ler. Falar com entusiasmo e emoção das suas leituras. Comentar frequentemente

de alguma leitura que esteja fazendo ou que o tenha marcado pensar com cautela porque prefere este tipo de leitura e não aquele.

Assim, foi construído o Encontro Quinzenal, na companhia dos livros, com a intenção de incentivar o Professor Cursista, mas também apresentar opções de leituras aos professores, fornecendo o repertório que pode ser utilizado na creche.

Então, ao iniciar a oficina, foram escolhidas duas cursistas para fazer a narração do texto de Alfabetização que remeteu o ato de alfabetizar crianças no passado antes da pesquisa de Emília Ferreiro e Ana Teberosk. Antes não era respeitado o momento de construção e reflexão no objeto de aprendizagem da criança.

A encenação feita pelas cursistas do texto demonstrou claramente uma das vias utilizada para se narrar uma história com a utilização total do corpo, em gestos e emoção, Matos e Sorsy (2007, p.09) apontam que:

Apropriar-se de uma história é processá-la no interior de si mesmo. É deixar –se impregnar de tal forma por ela que todos os sentidos possam ser aguçados e que todo o corpo possa naturalmente comunicá-lo pelos gestos, expressões faciais e corporais , entonação de voz, ritmo etc.

A narração do texto pelas Cursistas foi feita não só na voz, mas no corpo das duas que se propôs a fazer a narração.

O texto fazia uma crítica comparando o ato de alfabetizar antigamente com o momento de se preparar uma receita em que a pessoa que vai cozinhar segue tudo à risca.

O texto fala mais o menos assim: para alfabetizar uma criança, primeiro você pega a criança põe numa farda bem limpinha, arruma essa criança, deixa cheirosa e a leva para escola. Lá a professora coloca na carteira com o seu caderno, lápis e cartilha, vai ao quadro e começa a ensinar o alfabeto e assim vai quando chega ao fim diz: Se depois de tudo isso a criança chegar ao fim do ano sem ler e escrever a deixa descansando serie e no próximo ano começa tudo de novo.

Depois desse texto abriu-se para uma discussão acerca dessa prática, relacionando-a com a prática de hoje.

Em seguida, a Tutora levou as cursistas a refletirem sobre essas práticas, partindo do que elas conhecem hoje a partir dos estudos anteriores.

Na Prática Pedagógica...

A creche Joana Darc é uma creche comunitária, que dispõe de cinco professoras cursista do Programa. A sala em que foi observada a Prática Pedagógica tinha crianças de três a quatro anos de idade.

A Professora Cursista – PC iniciou a aula com cartazes, colocou as crianças em roda no chão da sala, falou quem era os índios e mostrou alguns dos objetos de uso dos índios através de fotos fixadas no cartaz.

Após essa exposição, ela levou os meninos para a brinquedoteca da creche e passou um vídeo, dizendo que era sobre os índios. O filme era uma sequência de slides de fotos, acompanhado da música de Xuxa. Que diz: vamos brincar de índio... Eu sou o cacique você é um par... A intenção era mostrar aos meninos os usos e costumes dos índios. Porém, ao ouvirem a música, as crianças só desejavam brincar e dançar, a PC não soube se aproveitar da situação.

Em seguida, levou os meninos para sala de aula, distribui canudos com barbantes para as crianças fazerem um colar índio. Terminou que os meninos não gostaram muito do colar, porque os meninos tiveram dificuldade para enfiar os canudos no barbante.

Nessa prática ficou perceptível que a metodologia que a Professora Cursista utilizou para ensinar sobre os povos indígenas, não chamou a atenção das crianças naquele momento.

A utilização da literatura na pele da contação de histórias nessa prática tornaria a compreensão das crianças sobre os índios de outra forma e permitiria às crianças vivencia, através do imaginário, os usos e costumes desses povos, já que a faixa etária dessas crianças era de 4 a 5 anos, a narração possibilitaria que elas vivessem a história e criassem personagens frente a história narrada.

Segundo Betty Coelho (2006, p.16), nesta fase, os pequenos solicitam várias vezes a mesma história e a escutam sempre com encanto e interesse. É a fase do “conte de novo”, “conte outra vez”. Por que a mesma história? Da primeira vez tudo é novidade; nas seguintes, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando detalhes.

Dessa forma, ao incorporar as histórias dos povos indígenas a Professora Cursista possibilitaria às crianças da turma à construção de ideias acerca dos povos indígenas. As lendas indígenas seriam fundamentais.

Nessa prática pedagógica, ficou evidente que os conhecimentos acerca da literatura não se expressaram.

A próxima prática foi na creche Coletiva. A casa Coletiva é uma creche municipal localizada em um bairro muito humilde da cidade de Conquista. As crianças que ali se encontram vêm de famílias que não dispõem de possibilidades financeiras nem para atender às necessidades básicas de alimentação. Por isso, a diretora da creche desenvolve, junto com as professoras e funcionárias, um trabalho pedagógico com utilização de projetos, além de fazer interferências de assistências às crianças. Juntas driblam as diversidades sociais que enfrentam, devido às condições da comunidade em que a creche está inserida.

Nessa creche, o PROINFANTIL, atualmente, tem uma cursista que atua juntamente com a professora na sala de crianças na faixa etária de um a dois anos. Porém existe cursista de outros grupos do programa que já tem a formação do PROINFANTIL, além de, atualmente, cursarem faculdades no curso de Pedagogia.

No espaço da creche, a ludicidade é exercitada de diversas formas, através de músicas, brincadeiras e muita contação de histórias.

A prática da literatura oral, nessa creche, é muito viva e intensa, em dois dias de visita que estive nessa creche ouvi muitas narrações, feitas de forma muito criativa e comprometida, com utilização de diversos artifícios para a contação, desde marionetes a fantasias.

Nos espaços da creche foi possível escutar músicas infantis com um repertório composto por trava-línguas, histórias de repetição e músicas com letras dedicadas ao público infantil. A coleção de Bia Bedran marcava presença.

A prática pedagógica em que estive presente da única cursista do Programa na creche teve a dramatização de história no planejamento como será descrita.

Após a chegada da turma de dois anos na creche, a Professora Cursista reuniu as crianças em uma roda, todos sentados nas cadeirinhas, iniciou uma oração.

Em seguida, começou mostrando uma figura grande de uma flor e iniciou uma cantiga que dizia:

“ Sou uma florzinha de Jesus, não ando nas trevas só ando na luz, fecho os olhinhos para orar, abro a boquinha para louvar”.

Depois da música, a Cursista pergunta aos meninos, “o que era aquilo”, mostrando a eles um passarinho de brinquedo pendurado na parede, perguntava também se eles conheciam. Alguns responderam que sim, outros que era o Piu-Piu. Ela diz que

não, e só. Parte para a próxima etapa. Quando todos dizem que é um passarinho, ela pega uma corda.

Com essa corda ela forma um laço no meio da roda em que os meninos estão, pega duas crianças, as deixa envoltas pela corda até começar a cantar a outra música que é assim:

“Dois passarinhos, dominó, saiu do ninho dominó, caiu no laço dominó, dá um beijinho, dominó, dá um abraço, dominó, agora escolha um, dominó para ser seu par, dominó”.

E assim ia para o laço mais duas crianças de mãos dadas, fazer o mesmo movimento dentro do laço, até todas as crianças passarem pelo laço. A cursista justifica essa atividade, dizendo que, quando as crianças chegaram à creche, algumas não permitiam o toque uma com as outras, nem beijo e abraços, entre os colegas. Ela diz que essa atividade trabalha a afetividade das crianças.

Após essa atividade, a cursista pega um lençol, joga no chão, pega uma caixa de sapato decorada e começa explicar as crianças o que elas vão fazer naquele momento.

A Professora Cursista ficou perto do varal de gravuras que tem na sala de aula, chamava uma criança de cada vez pelo nome e pedia que ele procurasse algumas gravuras específicas, como sapo, banana, maçã, entre outras. A PC justifica que essa atividade aumenta o vocabulário das crianças.

Depois, chama cada criança novamente e pede que elas peguem as almofadas. Junto com as crianças, pegam uns colchões e pergunta quem quer ouvir histórias? Todos respondem positivamente e esperam pela história.

As crianças ficam sentadas no chão e em cima das almofadas, todas atentas, à espera de Dona Baratinha, uma das professoras fica perguntando, cadê D. Baratinha?

De repente, entra na sala uma das professoras com uma longa peruca, com um vestido, vassoura e uma caixinha. As crianças ficam felizes e, ao mesmo tempo, atentas a todo movimentos.

A professora apresenta-se como Dona Baratinha, dá bom dia às crianças, sacode a caixinha, põe a caixinha no chão, começa a varrer e faz perguntas cantadas: “Quem quer casar com Dona Baratinha que fita no cabelo e dinheiro na caixinha? As crianças começam a responder que têm dinheiro para a caixinha.

E aparece a professora cursista vestida com uma capa e uma máscara de cachorro, dizendo que quer casar com a Dona Baratinha, mas além do cachorro não ter dinheiro para a caixinha ele era cheio de pulga. O cachorro chora muito mais vai embora.

A Baratinha continua perguntando quem tem dinheiro para a caixinha e quem quer casar com ela, a cursista entra fazendo o som do gato e com uma máscara de gato, dizendo: Eu quero casar, fica miando para D. Baratinha e repetindo que quer casar, mas Baratinha não quer casar e fala bem alto: “Eu não quero casar com você, porque tenho alergia ao pelo de gato.

Dona Baratinha continua buscando marido, e pergunta quem tem dinheiro na caixinha? Quem quer casar com Dona Baratinha? Entra um lobo uivando e Baratinha diz: Não adianta que eu não quero.

O lobo sai e não diz nada, D. Baratinha continua: “ que quer casar comigo? Quem tem dinheiro na caixinha?” Já chorando...

Então entra um coelho e a Dona Baratinha fica toda vaidosa, abraça o coelho e resolve casar com o coelho.

As crianças ficam do início ao fim, com toda atenção na história narrada, ao fim da história, a cursista pede para as crianças desenharem com um giz de cera sobre a história. Uma criança fica tão encantada que continua sendo a D. Baratinha com a vassoura, pega a peruca e sai varrendo a sala.

Com relação à história, consideramos o que Betty (2006, p. 16) aponta para a faixa etária de crianças de até 3 anos que é a fase pré-escolar . Ela diz:

Para os pré-escolares, as histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue “viver” os enredos e sentir-se no “lugar” em que os episódios narrados ocorrem.

Até os três anos, quando as crianças se encontram na fase pré-mágica, as histórias devem conter, de preferência, muito ritmo e repetição.

E ficou clara na prática apresentada que a cursista contemplou a história que estava contida em seu repertório. Mostrou ritmo, quando a baratinha cantava, e utilizou de personagens personificados como o cachorro, a barata, o coelho, e gato.

A história da Dona Baratinha enquadra-se em uma boa história para ser narrada para crianças nessa fase por ser uma história de repetição e acumulativa. O que permite que a história seja assimilada pela imaginação, das crianças na faixa etária de 3 anos, que é o caso dessas crianças. Coelho (2006, p. 15) comenta: A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral.

Na observação dessa prática, ficou claro que a Professora Cursista pensou em uma aula baseada totalmente na oralidade e a literatura foi o apoio em todo instante da realização da aula. A Professora Cursista relatou que, para essa prática, o seu objetivo era:

O objetivo de trabalhar com os meninos, por exemplo, a oralidade deles e a oralidade, e assim como posso dizer, aquela atenção que eles tem pela história. Hoje não, eu já trago para desenvolver os meninos na parte da linguagem da oralidade, por exemplo, muitas crianças, elas chegam praticamente, elas são pequenininhas, elas não falam praticamente nada e hoje não elas falam, estão praticamente conversando. (Professora Cursista II)

A cursista demonstrou, em sua prática, o seu comprometimento com as crianças e com sua formação, já que explorou de técnicas e conhecimentos sobre a literatura, no sentido da contação de histórias, apontando para a sua importância na formação das crianças.

Essa aula, enfim, evidencia que a Professora Cursistas vem compreendendo a contação de história como uma possibilidade de formação para as crianças da creche. Ela entende que a compreensão oral da criança se faz possível, através de uma constituição de repertório que aborde a linguagem da criança e aproveita ensejo para apresentar a literatura para as crianças.

As entrevistas...

Nas idas e vindas da construção da pesquisa, além de assistir a Encontros Quinzenais, Práticas Pedagógicas, também foi possível fazer entrevistas com cursistas do Programa, no intuito de perceber como era utilizada a contação de histórias antes do PROINFANTIL e durante o Programa. Então, acrescento as entrevistas feitas.

Entrevista I:

Professora Cursista I:

Eu- Você utilizava a contação de histórias em sala com as crianças antes do PROINFANTIL?

PC I- Sim

Eu- Como era feita essa utilização da prática?

PC I- Quando eu não fazia parte do PROINFANTIL utilizava a contação de histórias de qualquer jeito pegava um livro e começava a ler para crianças, porque queria que os meninos ficassem quietos na sala de aula.

Eu- E dava certo?

PC I- Não, porque os meninos ficavam inquietos, não prestavam atenção.

Eu- E hoje com a formação do PROINFANTIL, como é utilizada a prática?

PC I- Hoje faço a dramatização com utilização de bonecos para contar histórias, e faço o relato com os meninos. Sei que a contação de histórias ajuda a ensinar algumas coisas para as crianças, além de inserir na leitura. E ao fim da contação sempre faço hoje indagação às crianças, pois antes nem falava mais nada.

Quando as tutoras voltam da formação em Salvador trazem muitas novidades que nos passam e de uma forma ou de outra fazemos na creche.

Entrevista II:

Professora cursista II

Eu- Antes do PROINFANTIL você já era professora da Creche?

PC II- Já

Eu- Você trabalhava como monitora na sala?

PC II- Como ajudante

Eu- Nesse momento você ficava com as crianças na sala?

PC II- na sala sim

Eu- E quando você estava nesse momento utilizava a contação de história?

PC II- sim

Eu- E como é que você utilizava?

PCII- é eu usava, por exemplo, eu utilizava a figura do chapeuzinho vermelho, era mais a história do chapeuzinho vermelho que eu contava para elas, eu tenho a roupa, as máscaras e aí colocava nas crianças, no ano passado mesmo eu colocava para elas contarem a história eu ia ajudando elas e elas iam contando.

Eu- Depois você entrou no curso do PROINFANTIL você achou teve diferença na sua prática na contação de história?

PC II- sim, percebo e muito

Eu- Você percebe o que hoje?

PC II- Eu tenho mais habilidade para contar história, aprendi mais sobre o, porque eu tinha muitas histórias que eu não conhecia né? Tem poucas histórias, por exemplo, laço de fita, que eu já conto para os meninos, deu para aprender um monte de histórias.

Eu- Você analisa que sua prática mudou por causa do Programa, dos livros, ou da sua tutora que nos Encontros Quinzenais fez formações que lhe propôs isso, ou a AGF?

PC II- De tudo um pouco, a tutora ajuda, o curso também porque lá agente aprende, através do livro também que agente vê muita coisa.

Eu- Quais foram os livros que mais te ajudaram?

PC II- OTP

Eu- E essa história que você contou para os meninos, qual era o seu objetivo com ela?

PC II- O objetivo de trabalhar com os meninos, por exemplo, a oralidade deles e a oralidade, e assim como posso dizer, aquela atenção que eles tem pela história.

Eu- Porque antes de você receber esses cursos todos pelo PROINFANTIL você utilizava a contação de história com alguma intenção para ensinar alguma coisa para os meninos?

PC II- Antes do Proinfantil engraçado, que antes do PROINFANTIL eu trabalhava aqui na sala ajudando as meninas, mas era só mesmo para, naquele tempo que as meninas saíam precisavam ou quando faltava, aí eu só ficava no lugar, aí era somente para distrair os meninos ali dentro ficava com os meninos, olhar os meninos e hoje não eu já trago para desenvolver os meninos na parte da linguagem da oralidade, por exemplo muitas crianças, elas chegam praticamente, elas são pequenininhas, elas não falam praticamente nada e hoje não elas falam, estão praticamente conversando.

Entrevistas III:

Professora Cursista III

Eu- Antes, quando você era professora de creche antes de fazer o curso do Proinfantil, você já utilizava a contação de história em sala de aula?

P.C III- Antes do Proinfantil não, que dizer contava de outra forma, não da forma que utilizo hoje.

Eu- Qual era forma que você contava antes?

P.C III- Eu contava antes assim, contava lendo mesmo, pegando um livro, quando agente pega um livro um texto para ler da mesma forma eu contava assim, não contava como eu conto hoje, hoje conto fazendo cênicas com bichos com fantoches, né? Mesmo sem fantoches eu faço toda encenação com o livro, eu não leio o livro eu olho a figura do livro e passo a informação que esta no livro mais eu não leio, porque quando agente se prende ao papel foge o interesse da criança na história na verdade, então ele fica se procurando naquela agonia, agonia e acaba que não absolve não fazendo então para você contar história para criança você tem que fazer o que? Ir além, né? Fazendo todas as cênicas, todos os gestos para poder envolver a criança na história, naquela contação, naquele conto e daquele conto ali você pode trabalhar várias e várias e várias coisas, a partir da aprendizagem daquele momento daquela criança.

Eu- Que coisas você trabalha com a contação de história?

P.C III- Quando eu quero trazer algum conteúdo para sala de aula como, por exemplo, quero trabalhar o dia do índio que não é só no dia 19, mais o índio é um ser humano, trabalhando quais os costumes dos índios, ai eu faço o que? Trago para eles dentro do conteúdo, dentro do projeto da escola ou o tema que eu estiver trabalhando no momento, índio ai eu vou trabalhar o que, como o índio, onde o índio mora, ai eu vou contar uma história, que era aquele índio como, como eles viviam quais eram os seus costumes, seus alimentos, depois que eu fizer todo o contato com eles da história para ai eu vou mostrar a figura para eles e pedir que eles falem o que entendeu da história, antes de contar a história eu vou perguntar vocês conhecem isso aqui vocês já viram? Como é o nome? Para poder ver até onde vai o entendimento deles sobre a história.

EU- E antes quando você utilizava a contação de história, você utilizava nesse propósito sabendo que você ia dá a eles ensinar a eles alguma coisa, ou contava, como era a sua prática antes do Proinfantil?

P.C III- Antes do Proinfantil não, eu já ia já com o trabalho pronto, só eu achava que tinha que passar para eles hoje em dia com o Proinfantil eu vejo que agora os professores estamos sendo multiplicadores para o qual estão formando com as crianças que antes não tinha que pensar que a criança sabe alguma coisa e eu sim sabia tudo, mais não a criança já traz pra gente perguntas, inquietações que favorecem o aprendizado do professor, da turma de todo meio, assim com relação a educação porque eles realmente fazem o trabalho acontecer.

EU- E hoje os tutores trazem para você formação com contação de história, ou você aprendeu isso com as leituras dos livros?

P.C III- Eu aprendi muito lendo muitos textos sobre Educação Infantil, eu lia muitos texto nos módulos de FE e OTP, trazem muito isso, contação de histórias nos módulos, lendo, lendo e estudando e vendo o quanto era prazeroso, eu comecei a ter curiosidade de ver como realmente ver como acontece eu comecei a fazer na sala essa contação esse imaginar esse desenhar depois da historinha isso foi depois do Proinfantil, porque eu realmente não tinha essa noção.

Eu- E os tutores contribuíram nisso?

P.C III- Muito, estimulando fazendo perguntas propondo outras questões, propondo outras idéias trazendo sempre, sempre, sempre idéias maravilhosas, elas contribuíram muito mesmo, elas realmente fazem assim honram ao mérito ao papel delas que elas chegam junto mesmo, senta junto incentiva então é muito bom né?

Entrevista IV:

Professora Cursista IV

Eu- Você já ficava com as crianças da creche em que você trabalha antes do curso do PROINFANTIL?

PC IV- ficava

Eu- Você já utilizava a contação de história?

PC IV- já

Eu- Como era que você fazia a contação?

PC IV- Utilizava a contação de história como um momento de leitura com os meninos e tinha a intenção de deixar eles quietos. Antes utilizava a contação de histórias na creche em uma roda com as crianças, em que às vezes lia ou escolhia uma criança para ler, pois antes do Proinfantil o local era uma escola que tinham crianças pequenas de creche até o 4ºano, mas hoje é creche.

Eu- E ,hoje ,com o Programa como você faz?

PC IV- Depois do curso do Proinfantil com as oficinas oferecidas pelas Tutoras passei a contar com um propósito, utilizando diversos meio para chamar a criança para o momento da contação. Em minha última prática contei a história dos Três Porquinhos, pois ao conversar com os pais dos meninos fiquei sabendo que em suas casas seus pais não liam histórias para eles. Para apreciar a contação. É a oportunidade de inserir essas crianças no mundo da leitura.

Entrevista V:

Professora Cursista V

Eu- Quando você ficava como auxiliar na sala da creche, quando você estava com as crianças contava histórias para elas?

P.C V- Sempre eu utilizei a contação de histórias né, até mesmo para acalmar eles, quando eles terminavam uma atividade e estavam agitados ai eu utilizava a contação de histórias na sala, principalmente quando faltava professor e eu ficava só com os meninos na sala.

Eu- como é que você fazia?

P.C V- Eu contava a história antes e depois pedia para eles desenhar a história.

Eu- Você lia livros ou contava a histórias?

P.C V- Eu na maioria das vezes contava a história que já conhecia ou então daquela história que eu já sabia eu ia inventando com uma figura uma nova história.

Eu- E , hoje, depois do PROINFANTIL, com os EQs, Fase Presencial e os livros sua prática foi modificada?

P.C V- Melhorou porque antes eu me intimidava, mais hoje eu conto sem inibição, antes tinha vergonha até mesmo das crianças, mas agora não. É só me dá o título da história que conto, sem problemas, mais invento também.

E pude aprender um pouco em todas as formações, mais sem deixar de falar dos livros de OTP e FE, que me deu muitas dicas sobre a contação de histórias.

Como se pode observar, a literatura é valorizada por todas as cursistas ouvidas. Essas experiências práticas da pesquisa foram fundamentais para a discussão que a pergunta da pesquisa proporcionou. Passo, agora, para a conclusão.

4. Conclusão

Para realização desta monografia, tomei como base a experiência vivida como estagiária no Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil-PROINFANTIL. Teve como objetivo perceber se a Formação Estadual proposta pela equipe pedagógica estadual, gerenciada pela Universidade Federal da Bahia por meios da Faculdade de Educação que ocorre a cada semestre no Programa conseguiu ressoar a importância de apresentar, desde cedo, para as crianças à literatura, tendo como ferramenta a prática da contação de histórias. A pergunta formulada, por isso foi:

Os Professores cursistas do PROINFANTIL incluem na sua prática a literatura e, mais especificamente, a contação de história, uma vez que esses referenciais fazem parte de seu processo de formação?

Durante o percurso da pesquisa, fui percebendo que a Formação Estadual serviu, em alguns momentos, como espelho para criação e recriação de práticas metodológicas, envolvendo a literatura nos espaços e etapas formativas do Programa.

As agências Formadoras foram, ao longo do Grupo III, captando a importância de na formação utilizar as várias linguagens para entretecer um diálogo profícuo entre Agência Formadora, Professor Cursista e Professor Cursista, crianças de 0 a 6 anos.

E a linguagem que na pesquisa ganhou espaço notório foi a contação de histórias nos espaços da creche, revelando que a contação de histórias é uma atividade que possibilita a inserção do sujeito em um universo cheio de fantasias, além de propor viagens por lugares conhecidos e desconhecidos, tempos passados, assim como tempos presente e futuro. Mundos fantásticos, recobertos por fantasias, como também lugares reais.

Ao longo da pesquisa DE CAMPO, ficou claro que as Agências Formadoras, em sua maioria, se implicou com a formação focada na formação de professores leitores e incentivadores da leitura. Também não posso deixar de aqui registrar que fui formada nesses espaços de Formação.

Tive uma maior compreensão do universo literário e como a prática de contar histórias encanta a todos, principalmente às crianças e que o educador se utiliza dessa ferramenta de qualquer forma ainda não compreendeu o verdadeiro sentido de contar e encantar através das histórias. Esse precisa urgente, ACORDAR!

Assim, repetindo o que já disse: como estagiária do PROINFANTIL, considero que o Programa me possibilitou muitas aprendizagens acerca do processo de formação dos Professores envolvidos no Programa. Pude crescer em cada atividade do Programa de que participei, seja a da organização, seja como ouvinte de palestras.

Contudo, o que mais ficou evidenciado em minha Formação no percurso do Programa em que estive presente foram os diversos caminhos apresentados aos participantes sobre a inserção da criança e a do professor na prática da leitura.

Participando das atividades de Formação Presencial, aprendi que, quando uma formação para professores é feita com objetivos bem esclarecidos e estabelecidos, ela ressoa e propaga feito uma onda, seguindo adiante sempre.

Acompanhando as atividades de formação, compreendi que o processo de Formação para professores nunca se encerra, ela é contínua, um assunto nunca esgota em si, sempre temos um pouco mais para aprender.

Assisti a muitas palestras e oficinas, mas me envolvi com as práticas relacionadas à literatura infantil, objeto deste estudo agora concluído. O assunto, entretanto, não está esgotado.

REFERÊNCIAS

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Tradição e Ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: Pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara, 1898-1986. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

COELHO, Betty. **Contar Histórias. Uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

CRUZ, Damário. **Re (sumos)**. Pouso da palavra, 2008.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercício práticos e um repertório para encantar**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MENEZES, Karina Moreira. et al. Formação de professores de Educação Infantil: Uma história contada no vai-e-vem das estradas baianas: Revista Presente! Salvador, Ed. nº 69, Dezembro, 2010, p.57 á 63.

PROINFANTIL: Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil: Guia Geral, 2005. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2005. (Coleção PROINFANTIL)

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos dourados: A arte de ouvir as histórias (... para depois contá-las...)**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2001.

SISTO, Celso. **Texto e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2001.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ANEXO A- Programação da Formação Estadual de Janeiro



Formação Estadual do Proinfantil Grupo 3 - Módulo II.


16 a 21 de janeiro de 2010
Hotel Pestana – Rio Vermelho
Salvador/BA








PROINFANTIL BAHIA
Coordenação de Formação (FACED/UFBA)
Cleverson Suzart
Lícia Beltrão
Mary Arapiraca
Coordenação Estadual (IAT/SEC-BA)
Miliane Vieira



GRUPO 3 - 2009/2011

	Formação Estadual do Proinfantil Grupo 3 – Módulo 2	
	16 a 21 de janeiro de 2010	Hotel Pestana Rio Vermelho
 <p>Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil.</p>  <p>Dia 16 Auditório 08h Abertura 09:30h Currículo na Educação Infantil – Prof. Roberto Sidnei (Faced/UFBA)</p> <p>Salas 14:00h Oficina Projeto de Estudos</p> <p>Dias 17, 18 e 19 No auditório e nas salas</p> 	<p>Dia 20</p> <p>No auditório – Tutores 08h às 09:30h Avaliação do Proinfantil 09:30 às 12h Ampliação dos espaços de formação com a Profa. Lícia Beltrão</p> <p>Nas salas – Prof. Formadores 08h às 18:30h Planejamento das áreas temáticas</p> <p>12 às 14h Almoço</p> <p>16h às 16:30h Intervalo</p> <p>08h às 18:30h Minicurso</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 A inserção da criança no mundo textual. Profa. Lícia Beltrão (Faced/UFBA) 2 Corpo e voz na educação infantil. Prof. Antônio Bahia (Faced/UFBA) 3 Educação inclusiva: um desafio possível. Profa. Theresinha Miranda (Faced/UFBA) 	<p>Dia 21</p> <p>Nas salas 08h às 12h Continuação do planejamento das áreas temáticas</p> <p>No auditório 14h Socialização dos planejamentos 15:30h Avaliação do Proinfantil 16:00h Ampliação dos espaços de formação com a Profa. Lícia Beltrão</p> <ol style="list-style-type: none"> 4 Influência da mídia na formação da criança Prof. César Leiro (Faced/UFBA) 5 Ludicidade. Prof. Roberto Rabelo (Faced/UFBA) 6 Linguagem e educação infantil. Profa. Raquel Nery (Faced/UFBA) 7 Sexualidade Profa. Miliane Vieira (IAT/SEC-BA)
<p>Inscrições: Cada participante terá oportunidade de participar de 1 minicurso por dia. As equipes se organizarão para que haja pelo menos um representante de cada agência em todos os minicursos. As pré-inscrições serão organizadas na Agência Formadora e enviadas com antecedência para EEG e UFBA. O preenchimento das fichas de inscrição para emissão dos certificados será feito no dia do evento.</p>		

ANEXO B- Programação da Formação Estadual de Junho

MEC Ministério da Educação
SEED Secretaria de Educação & Distância
IFAGED Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia
FAFED Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

proinfantil Bahia

FORMAÇÃO ESTADUAL DO PROINFANTIL GRUPO 3 - MÓDULO III

06 a 11 de junho de 2010
 COLOCAR LOCAL
 Salvador/BA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 Diretoria de Educação
 Gerência Nacional
 Departamento de Educação e Distância
 Centro Nacional de Estudos, Pesquisas e Desenvolvimento
 Serviço de Produção de Conteúdos e Formação em EAD
 Departamento Cultural/Brasil

PROINFANTIL BAHIA
 Coordenação de Formação (FAFED/UFBA)
 Cleverson Suzart
 Lúcia Beltrão
 Mary Arraes

Coordenação Estadual (EAT/SEC-BA)
 Milene Vieira

Mediadoras dos planejamentos

- Fundamentos de Educação
 Profa. Cibele Ribeiro de Oliveira/UFBA
 Profa. Valéria Galvão/UFBA
- Inglês em Contexto
 Profa. Tânia Tereza/UFBA
 Profa. Jucélia Maria de Albuquerque/UFBA
- União Europeia/UFBA
 Profa. Maria M. Ferraz de Brito/UFBA
 Profa. Maria Bacci/UFBA
- Identidade, Sociedade e Cultura
 Profa. Anacláudia/UFBA
 Profa. Valéria de Jesus Ramos/UFBA
- Operações de Texto Pedagógico
 Profa. Lucilene Alves dos Santos/UFBA
 Profa. Nereida Lúcia dos Santos/UFBA
- Valor Matemático
 Profa. Dina Aguiar/UFBA
 Profa. Elizabeth/UFBA
- Exercícios de Atividades Pedagógicas de Educação Infantil
 Profa. Regina Aparecida/Margarita de Sousa/UFBA
 Profa. Valéria Pinheiro/UFBA

Ministério da Educação
 Gerência Nacional
 Departamento de Educação e Distância
 Serviço de Produção de Conteúdos e Formação em EAD
 Departamento Cultural/Brasil

MEC
SEED

IFAGED
FAFED

Coordenação de Formação (FAFED/UFBA)
 Cleverson Suzart
 Lúcia Beltrão
 Mary Arraes

Coordenação Estadual (EAT/SEC-BA)
 Milene Vieira

proinfantil BAHIA

proinfantil Bahia

28 de novembro a 03 de dezembro

Formação Estadual MÓDULO 4

Dia 28 Domingo

- 08:30 Abertura Oficial
- 09:30 Falete: O meu sócio curricular
- 12:30 Almoço
- 14:30 AJE em Contexto

Dia 29 Segunda-Feira

- 08:30 Projeto de Estudos - Relatório Final
- 12:30 Almoço
- 14:30 Sábios temáticos
- Planejamento dos atos temáticos - mediação/SEED
- Encontros de APEL Acompanhamento da Prática Pedagógica
- Taleres e Coordenadores de APEL: Reflexões sobre Gestão Democrática e suas implicações na Educação/Maria Pereira (UFBA)

Dia 01 Quarta-Feira

- 08:30 Mesa Redonda: Análise na Educação Infantil
- Jonas Hoffman (UFPR)
- Isone Regina Bortolotto (UFPE)
- Orlélia (UFAS)
- 12:30 Almoço
- 14:30 Análise dos espaços formativos

Dia 20 Terça-Feira

- 10:00 Continuação das Sábios temáticas
- Planejamento dos atos temáticos
- Encontros de APEL e coordenadores de APEL (prática pedagógica e auto-reflexão)
- Taleres: Sábios de experiências - Práticas no meu município
- 12:00 Almoço
- 14:00 Atividade Cont. sabios temáticas
- Planejamento dos atos temáticos
- Encontros de APEL Eixo Integrador
- Encontros de Taleres: Projeto de Estudos: estado do processo

Dia 02 e 03 Quinta e Sexta-Feira

- Atividade de contos infantis no século XXI
- Clio Bonatto
- 2) Criação do campo
- Nar Cavagade
- 3) Criação na Educação Infantil
- Mônica Simão (UFPA)
- 4) Criação quando aprendendo a andar: aprendendo a contar
- Renata Keler Iguaçu (Fund. Monte Azul - SP)
- 5) Arte na Educação Infantil
- Rosane
- 6) O momento literário na Educação Infantil
- Priscila
- 7) Experimentos Lúdicos Computador por Além
- Neser de MEDADEM
- 8) Criação de histórias e literatura
- Clio Bonatto
- 9) Criação quando o dia a dia de creches e jardins de infância
- Renata Keler Iguaçu (Fund. Monte Azul - SP)
- 10) Jogos matemáticos na Educação Infantil
- Anelise Santos (UFPA)
- 11) Pedagogia da Diferença
- Ara Kato

PROFESSORES

PROFESSORES

ANEXO C- Fotos da Oficina de Contação de histórias

